AVEIRO, 12 DE FEVEREIRO DE 1972 * ANO XVIII * N.º 897

Litoral

Director e Editor — David Cristo ★ Administrador — Alfredo da Costa Santos
Proprietários — David Cristo e Francisco Santos ★ Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

RESPOSTA AO SNR. DR. ORLANDO DE OLIVEIRA

II

Conforme previamos no nosso artigo anterior o Snr. Dr. Orlando de Oliveira não revelou, neste seu último trabalho, qualquer argumentação nova sobre o fundo do problema que nos ocupa, capaz de motivar, da nossa parte, uma resposta ou esclarecimento mais desenvolvido. Aborda, porém, outros aspectos, ou tece considerações que nos obrigam uma vez mais a fixar posições.

Antes de quaisquer razões que possam assistir-nos é nosso dever referir a mudança inesperada e diremos mesmo espectacular, de estilo, que é como quem diz, de humor, que caracteriza este seu último artigo, relativamente ao anterior.

No antecedente, nós, «doentes de elitismo», éramos todavia «simpáticos»; corteses nos casos de relações pessoais mantidas com alguns de nós; bons rapazes, embora, deduzia-se, um tanto fracos e pouco seguros de quanto devemos à sociedade, éramos no entanto «simpáticos», repetimos, por termos vindo a público com as nossas razões; éramos até recuperáveis se nos propusessemos enfileirar na falange do Snr. Dr. Orlando de Oliveira, em campanhas a que se dedica.

Neste último artigo, sem que para tal déssemos um simples passo ou motivo, passamos sùbitamente a ser «agressores», «ufanamente orgulhosos», «envaidecidos pelo título obtido», «dominados pela ideia fixa da perseguição», «ingratos», em estado depressivo

Continua na página três

NO RESCALDO DA I EXPOSIÇÃO DE AVEIRO/ARTE

É da incapacidade para ascender a novas perfeições que nasce o sentimento de Perfeição. É da impossibilidade de atingir novas certezas que resulta o sentimento de Certeza. A Perfeição, como a Certeza, são o parto dos mediocres. — Augusto Saraiva

VASCO BRANCO

QUANDO Augusto Saraiva publicou «Reflexões sobre o homem», ouvimos-lhe dizer que o segundo volume seria dedicado ao fenómeno artístico. Mas foi-nos advertindo das dificuldades que tal empreendimento implicaria. Pois bem. Decorreram mais de quinze anos sem que esse segundo volume aparecesse, o que nos parece traduzir, talvez, a complexidade contida já nessas suas reticências. E, por isso, nos espanta a facilidade com que, sobre o assunto, se pontifica e, sobretudo, o tom peremptório, displicente e sem quaisquer reservas, de quem a tanto se atreve.

Evidentemente, que houve sempre artifícios capazes de suprir a carência das qualidades exigidas por e para esta espécie de crítica, substituindo-as pelo simples embarque em teorias com a possibilidade de sorverem toda a manifestação humana pela mesma goela, e adoptando, depois, os seus dogmas como medida.

Já observaram, com certeza, a quem pertence a razão (até provas em contrário) em simples acidente nas nossas estradas. Sempre ao proprietário do veículo menos sumptuoso, evidentemente. Há, da parte das pessoas, a tendência espontânea para proteger o que lhes parece menos bafejado pela fortuna. O fenómeno é humaníssimo e explica-se, talvez, pela instintiva e generosa oferta de uma compensação, por impulso nascido no nosso mundo de frustrações, ou ainda pela ânsia do aproveitamento do ensejo para reparações, feitas à tabela, de injustiças de carácter social. Os filósofos que melhor o expliquem. Isto serve-nos, apenas, para ilustrar o processo capaz de orientar, **a priori**, a simpatia das massas. Assim se justifica que duas coordenadas (a da adopção de dogmas, e a do embarque em veículo apropriado) pareçam ser suficientes para determinar o crítico onde, antes, apenas o homem e suas limitações. Ora seria tudo muito simples, e o seu

Continua na página cinco

BAZAR DE CARIDADE

Uma Comissão organizadora de iniciativas destinadas a angariar fundos para a conclusão do Centro Paroquial da Vera-Cruz e a ajudar a manutenção do Jardim Infantil — que tantos serviços está a prestar às mães que trabalham fora dos lares, mas que atravessam período difícil — pensa levar a efeito uma série de realizações, das quais a primeira será um «Bazar de Caridade», um verdadeiro «bazar» na plena acepção da palavra, a inaugurar ainda este mês, através do qual não será difícil praticar a caridade, pois se propõe a Comissão Organizadora apresentar ali de tudo, no capítulo elegância feminina e adornos de casa, de que toda a gente de bom gosto precisa, ou lhe agrada possuir.

O «Bazar» funcionará na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, nas instalações da Garagem Central, gentilmente cedida para esse fim pelos seus proprietários; e, desde o móvel antigo, gravuras inglesas, loiças — porcelanas e faianças —, um magnífico conjunto de artesanato, que vai do género popular e caseiro aos mais ricos tecidos em voga de teares manuais, barros e toda a espécie de objectos graciosos para presentes, ali estará tudo esperando a visita dos Aveirenses e dos forasteiros, para verem, admirarem e comprarem, já que encontrarão oportunidade de praticarem uma obra piedosa, com utilidade para si próprios e prazer dos seus olhos, pois (afirmam-nos da Comissão Organizadora, à frente da qual se encontra a nossa distinta colaboradora Carolina Homem Christo) «tudo será bonito». Vai ser, sem dúvida, ponto de encontro em fins do mês corrente, ou inícios de Março, o «Bazar de Caridade» da Paróquia da Vera-Cruz, que será inaugurado com o lançamento das novidades da Primavera. Esta é a primeira realização do programa de iniciativas para 1972 elaborado pela Comissão Central, de que fazem parte também as sr.as D. Maria Helena Maya Seco, D. Júlia Candal, D. Blondina Monteiro, D. Ana Augusta Soares, D. Branca Cruz Ramalheira, D. Adelaide Cunha Amaral e D. Maria Gomes Teixeira.

Auguramos o maior êxito a tão simpática realização.

ACONTECEU...

DR. ARAÚJO E SÁ

BARNARD EM LUANDA

O paquete «Chusan» chegou há dias à maravilhosa baía de Luanda, em cruzeiro de férias de quatro semanas por portos africanos e sul-africanos. O facto nada teria de anormal, seria de autêntica rotina e passaria mesmo despercebido, se a bordo não viesse o célebre cirurgião Barnard, vestindo um blazer *azul escuro, de bandas largas, muito moderno, e umas calças cinzentas, sorridente, descontraído, afável, de cabelos compridos bem penteados.*

Compreende-se, aceita-se e adivinha-se que determinado sector da vida citadina se tivesse agitado, até porque Barnard se fazia acompanhar de Bárbara — a sua segunda esposa, de 21 anos apenas — e da filha, um ano mais nova que a madrasta..., que teve um chevalier servant da alta roda social luandense, o que não espantará ninguém.

Autêntico play-boy, afirmando aos jornalistas pretender tirar da vida tudo quanto ela lhe pode dar, Christian Barnard ocupou uma bela manhã de sol praticando sky *aquático, com Bárbara, nas quietas e mansas águas que circundam a encantadora ilha do Mussulo, como pessoa de bom gosto que sempre demonstrou ser.*

Sem espanto para ninguém, houve, à noite, cocktail

Continua na página cinco

TRAGÉDIA EM FIM DE FESTA

Cerca da meia-noite de segunda para terça-feira, na vizinha povoação da Quinta do Gato, deste concelho, quando decorria o arraial nocturno que era fecho das festas anuais de S. Brás, patrono daquela localidade, registou-se uma violentíssima explosão de foguetes que se encontravam armazenados num alpendre.

A explosão, cujo estrondo se ouviu a vários quilómetros de distância, teve consequências trágicas: um morto e seis feridos — eis o doloroso balanço do desastre, que ainda hoje é amargamente vivido por quantos aguardavam o rebentar dos foguetes, mas como nota de alegria a rematar os festejos que, desde há dias, ali decorriam.

O falecido chamava-se José Carlos Martins Nunes, tinha 33 anos de idade, era casado e pai de uma menina de 5 anos; dos feridos,

Continua na página quatro

NÃO PACTUEMOS!

DR. ORLANDO DE OLIVEIRA

Janeiro de 1972.

Dois anos passados sobre a entrada do Ministro Veiga Simão para o Governo, foi feita ao País aquela insólita comunicação em que se anuncia um programa fantástico de realizações educacionais.

Chamamos-lhe insólita como lhe poderíamos chamar inqualificável no sentido de haver adjectivo capaz de qualificação justa e precisa.

Anunciada a criação de três Centros Universitários, logo a cidade de Évora se movimentou e foi ao Campo de Sant'Ana apresentar seus direitos. O Ministro que não cumpre horários de trabalho nem respeita descansos dominicais já visitou aquela cidade e quase se comprometeu perante as suas gentes.

Outra cidade, provinciana e modesta como Aveiro, enviou expressiva mensagem:

«Médicos de Castelo Branco, reunidos para apreciação de projectadas realizações de desenvolvimento do sistema do Ensino Superior destinadas a trinta mil novos alunos, unânimemente solicitam criação nesta cidade... dum Centro Universitário... com uma Faculdade de Medicina,... sugerindo também uma Faculdade de Agronomia e Silvicultura,... rogando alto patrocínio e apresentando saudações a Vossa Excelência.»

E em Aveiro? Além de um tímido e débil vagido em um jornal diário do Norte, nada mais nos consta.

Haverá trabalho de bastidores? Ainda que a resposta seja afirmativa, ele será suficiente?

Há perto de 30 anos fo-

Continua na página quatro

CASA-MUSEU DE EGAS MONIZ

Procedente da Casa de S. João das Areias, Cruz-Quebrada, e com data de 29 de Janeiro último, foi recebida pelo nosso director, em 3 do corrente, a carta que a seguir transcrevemos, assim anuindo ao pedido do respectivo signatário.

Ex.mo Senhor Director do Jornal «Litoral»

Enviou-me o Presidente da Fundação Egas Moniz um exemplar do Jornal que V. Ex.ª dirige e edita onde se lê o artigo «Quem acode à Casa-Museu de Egas Moniz?» no número de 22 do corrente.

Tendo sido um dos mais activos testamenteiros da Ex.ma Senhora D. Elvira Egas Moniz que conforme desejo de seu marido determinou a criação da Fundação Egas Moniz e tendo sido igualmente um dos mais activos impulsionadores e obreiros desta Fundação em toda a desejada plenitude, tanto no que diz respeito à sua institucionalização, como à instalação, disposição e ordenação do valioso património artístico e científico que contém, gostava de esclarecer certo ponto de vista de que a imprensa se tem feito eco e, como assinala o Jornal de V. Ex.ª, já ecoou também na sala da máxima representatividade nacional. Nesta sala parece que a voz do brilhante deputado Egas Moniz defendia outrora opiniões contrárias às do actual deputado que a elas se refere («se do ponto de vista político, como membro de um partido, Deputado ou Ministro, nem todas as ideias que Egas Moniz defendeu se enquadram nas

Continua na página cinco

A deputada BERNARDETTE DEVLIN esbofeteou o Ministro do Interior, no Parlamento Inglês (Dos jornais)

— Dado o evento, parece mais SEGURO rever a nossa Constituição...

Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família

AVISO

Concursos Para Médicos dos Quadros das Instituições de Previdência

Estão abertos de 2 a 21 de Fevereiro de 1972 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicados:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Avenida Dr. Lourenço Peixinho n.º 110 AVEIRO	Posto Clínico de Aveiro Posto Clínico de Lobão Posto Clínico de Espinho	- Pediatria - Clínica Médica — Otorrinolaringologia
Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios Av.ª João Crisóstomo, 67 LISBOA	Posto Clínico de Cebolais de Cima Posto Clínico da Covilhã Posto Clínico de Unhais da Serra	- Ginecologia - Obstetrícia — Neurologia - Psiquiatria - Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria Av.ª Heróis de Angola, 59 LEIRIA	Posto Clínico de Pombal	— Oftalmologia
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa Av. Estados Unidos da América, 39,39-A LISBOA	Posto Clínico de Torres Vedras Posto Clínico de Vila Franca de Xira	- Cirurgia - Estomatologia — Ginecologia - Clínica Médica — Neurologia — Obstetrícia — Oftalmologia - Pediatria - Psiquiatria - Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto Rua das Doze Casas 143 PORTO	Posto Clínico de Malta Posto Clínico de Santo Tirso	- Clínica Médica — Cirurgia Geral
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém Rua do Milagre, 51 SANTARÉM	Posto Clínico de Tomar Posto Clínico de Torres Novas	Clínica Médica Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Vila Real Rua Gonçalo Cristóvão VILA REAL	Posto Clínico do Peso da Régua	Oftalmologia

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas Caixas de Previdência interessadas ou na Federação.

A documentação deverá ser entregue até às 18 horas do dia 21 de Fevereiro de 1972 na sede da Federação, na Avenida Manuel da Maia, n.º 58-2.º Esq.-Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

Lisboa, 31 de Janeiro de 1972

A DIRECÇÃO

Moreira, Branco & Rocha, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 1 de Fevereiro de 1972, de folhas 21 a 23 v.º do Livro próprio n.º 23-C, deste 1.º Cartório, outorgada perante o Notário Lic. Joaquim Tavares da Silveira, foi constituída uma sociedade comercial, por quotas, de resonsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A Sociedade adopta a firma «Moreira, Branco & Rocha, Limitada; fica com a sua sede e estabelecimento na Rua da Carreira Larga, do lugar de Mataduços, freguesia de Esgueira, do concelho de Aveiro; e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje;

2.º — O seu objecto é a reparação de veículos automóveis, podendo ser ainda qualquer outro ramo de comércio ou indústria que resolva explorar;

Porém, toda e qualquer alteração ou mudança do objecto social deve ser deliberada pela totalidade dos votos do capital;

3.º — O capital social é do montante de 60 mil escudos, dividido em três quotas de 20 contos cada uma e subscritas uma por cada um dos sócios Manuel Fernandes Moreira, José Domingos Branco e Bernardino Marques da Rocha; e acha-se inteiramente realizado já, em dinheiro;

4.º — A Sociedade em primeiro lugar e qualquer sócio em segundo lugar, terão o direito de preferência nas cessões de quotas;

5.º — A gerência fica afecta a todos os sócios, e é dispensada de caução;

Em todos os documentos sociais, mesmo de mero expediente, é necessária e suficiente a assinatua da firma por dois dos gerentes;

A gerência será retribuída de harmonia com o deliberado em Assembleia Geral;

6.º — Os sócios não poderão exercer, no distrito de Aveiro, comércio ou indústria igual ou afim àqueles a que a Sociedade se dedica ou venha a dedicar-se, quer indviduálmente quer associados fora deste, salvo autorização obtida por três quartos dos votos do capital em Assembleia Geral;

7.º — No caso do falecimento de sócio que deixe mais do que um herdeiro e enquanto a quota se achar indivisa deverão os herdeiros designar um que a todos represente perante a sociedade, comunicando a esta, no prazo de sessenta dias, salvo impossibilidade legal, o que tiver sido escolhido;

8.º — Salvos os casos para que a Lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas apenas por cartas registadas, com oito dias de antecedência.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida, além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 5 de Fevereiro de 1972.

O Ajudante,

José Fernandes Campos

Agência Portuguesa de Colocações em Paris

A Agência Portuguesa de Colocações, situada no número 28, Rue des Petites Ecuries, Paris 9 éme, encerrada em Maio passado, foi transferida para o número 17, Rue Claude Tillier, Paris 12 éme, telefone 344-32-85.

A directora deste serviço de colocações chama-se Ilda Jorge de Lemos, é professora primária, domiciliada em Portugal, no Concelho de Aveiro.

Em Paris, exerceu durante três anos a sua profissão, em Champigny, onde, em pleno «bidonville», foi a primeira professora primária a exercer em Paris, e uma das promotoras do ensino primário elementar aos filhos dos emigrantes.

Deu muito do seu trabalho, da sua iniciativa e da sua boa-vontade para que o ensino no estraugeiro fosse olhado com atenção pelas respectivas autoridades portuguesas e se transformasse na realidade actual (12 escolas oficiais, em pleno funcionamento, em França) tão benéfica a todos os filhos dos portugueses espalhados pelo mundo, visto que, depois da oficialização do ensino primário no estrangeiro, iniciativas semelhantes às de Paris estão surgindo nos países de maior densidade de emigração portuguesa.

A professora Ilda Jorge de Lemos é também a diiectora da revista «À Tribuna», de orientação comercial e publicitária, tendo o fim de ajudar o trabalhador português a resolver todos os seus problemas sociais, de trabalho, alojamento, compra e venda de apartamentos em França e em Portugal.

Portanto, a professora Ilda Jorge de Lemos nada tem a ver com as insinuações dirigidas «a uma conhecida bolsa de colocações» e seus dirigentes, nem com os actuais problemas da «Banque-Franco Portugaise d'Outre Mer».

Pedimos que não haja confusões, pois, se as houver, teremos que pedir responsabilidades a quem fizer uso das insinuações sugeridas em desonestas reportagens de sensação, não procurando os seus responsáveis investigar se o que publicam não será um contra-senso.

Mas, no caso de se verificai tratar-se da Agência Portuguesa de Colocações, a directora deste organismo vê-se na obrigação, segundo a Lei, de tomar as providências que o caso impõe.

a) — *Ilda Jorge de Lemos*

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

EDITAL

1.ª Publicação

Dr. Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

Faz público que Maria Teresa Serrão da Silva Pereira Peixinho, residente na Rua José Rabumba, n.º 56, desta cidade, requereu no sentido de ser autorizada a trasladar os restos mortais de seu tio Armando da Silva Pereira, da sepultura n.º 535-A, do Cemitério Sul, para a sepultura n.º 535-B, do mesmo Cemitério.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de Vinte Dias, contados da data da 2.ª publicação destes, qualquer oposição à trasladação requerida.

Findo este prazo, o pedido será deferido, se se verificar não haver quem, nos termos da Lei, prefira à requerente no direito de dispôr dos referidos restos mortais.

Paços do Concelho de Aveiro, 4 de Fevereiro de 1972

O Presidente da Câmara,

Artur Alves Moreira

Câmara Municipal de Aveiro

Convocatória

Nos termos do disposto no art.º 29.º do Código Administrativo e para os fins consignados na primeira parte do § 3.º do mesmo artigo, convoco o Conselho Municipal para a sessão ordinária, a realizar no dia 15 do corrente mês, pelas 10 horas, com a seguinte ordem do dia:

a) - Discussão do Relatório da Gerência de 1971;
b) - Apreciação de diversas deliberações camarárias;

Paços do Concelho de Aveiro, 5 de Fevereiro de 1972

O Presidente da Câmara,

Dr. Artur Alves Moreira

Resposta ao Snr. Dr. Orlando de Oliveira

Continuação da primeira página

que requere ou cuidados clínicos ou então é redundante manifestação de vaidade», «míopes». A acrescentar a tudo isto, de cambulhada com uma série de outros epítetos com que nos mimoseia, proclama que nem sequer poupamos o seu nome honrado ao chamar-lhe Dr. Orlando de Oliveira para de seguida acrescentarmos, com «irreverente e contundente ironia», os atributos de professor, educador e Reitor dum Liceu — atributos que, afinal, declara possuir.

Todos estes epítetos nada têm a ver, naturalmente, com a sua disposição de não responder às várias frases, que considera de intenção «cáustica e agressiva», do nosso primeiro artigo, por, como diz, «não querer cair nesse jogo de inferior qualidade».

Teremos de concluir, do mencionado, que o Snr. Dr. Orlando de Oliveira é, provàvelmente, um arguto e pronto qualificador de atitudes, frases e expressões — quando alheias. Não o é, decididamente, das próprias.

Ao leitor interessado deixamos o cuidado de tirar as conclusões adequadas.

A leitura deste último artigo fomo-la fazendo num estado de crescente surpresa — de tal modo ele se distingue do tom um tanto moderado e até amigável, do anterior. A parte final, porém, foi para nós a estupefacção.

Com efeito, por um como que refinar de sentimentos de repulsa, o Snr. Dr. Orlando de Oliveira profetiza para nós o opróbio público por termos reclamado contra a supressão que fizera, dum termo significativo do nosso título académico e profissional, supressão que está na base da presente controvérsia e nós, pelo sentido de que se revestia, considerámos lesiva da nossa dignidade social e profissional.

Nessa nossa reclamação, particularmente quanto à palavra usada, pretende o nosso opositor, em face de ocorrências que o atingiram, ser lícito a cada leitor «ver intencionalidade onde até pode haver só descuido, mas descuido que se não desculpa porque revelador duma negligência deplorável onde toda a diligência se imporia».

Além do facto da expressão mencionada ter sido aplicada com inteira propriedade e inequívoco sentido no aspecto que abordámos — como é nosso hábito e a presente controvérsia documenta amplamente — só podemos lamentar, e manifestar a nossa indignação por que tal pudesse servir de arma — lamentável arma — a pessoa com a categoria intelectual e a responsabilidade social do nosso opositor.

Jamais qualquer dos signatários, os que foram seus alunos e como tal sempre o respeitaram, e os que, não o tendo sido, respeitam igualmente, mesmo quando, com frontal lealdade, reclamam de expressões suas menos justas ou ponderadas em que são visado, jamais qualquer dos signatários, diziamos, pelo que deve à formação moral que integra a sua condição de homem, seria capaz de albergar ou exprimir tais sentimentos.

Acaso, e apesar dos obstáculos que o Snr. Dr. Orlando de Oliveira procura levantar em nosso detrimento social e profissional, poderíamos esquecer o «irmão» que nele temos?

Aliás, nunca ocorrência dessa ordem poderia ser por nós considerada em desfavor de quem quer que fosse. Apenas estranhamos, isso sim, e lamentamos, que seja o próprio a salientar aspectos a que não atribuíramos qualquer significado e que até um ou outro dos signatários desconhecia existirem, e só as suas palavras revelaram.

Que o nosso opositor, a coberto de imaginárias interpretações alheias e pretensamente com base em palavras nossas que dizem apenas, e exactamente, o que nelas se contém (e sem qualquer intuito, que seria deplorável) nos tenha julgado capazes de alimentar tais sentimentos — isso foi deslize que lhe respeita, que não a nós.

Prosseguindo na sua argumentação não pode o Snr. Dr. Orlando de Oliveira deixar de vincar a animosidade que lhe merecem, não já a classe que representamos mas os próprios estabelecimentos que nos formaram e cuja morte próxima prevê; e fá-lo em termos tais que nós, por aí desamparados da «casa-mãe» e sem que lhes nenhum fique a ligar-nos aos novos estabelecimentos a criar — aquele porque extinto sem apelo, estes porque não terão ponto de relação com os anteriores — ficamos simplesmente desgarrados, à deriva e, conforme palavras suas, sem possibilidade de encontrarmos elos que nos permitam estabelecer qualquer ligação com as estruturas que vão criar-se.

Donde se conclui que nós, os actuais diplomados com os cursos de engenharia dos Institutos Industriais, nada mais temos a fazer na Sociedade, só nos restando, portanto, demitirmo-nos de qualquer papel que porventura desempenhemos, e, ou morrer obscuramente ou viver numa indigência envergonhada, como excrescência social inútil, que passamos a ser.

Não podendo deixar de vincar a sua animosidade, diziamos, nem a desconfiança ou cepticismo acerca da capacidade e utilidade dos Institutos Industriais, o Snr. Dr. Orlando de Oliveira, de mistura com considerações desprimorosas em torno das condições que rodeiam a acção desses estabelecimentos de ensino médio especial, como por lei são definidos, dá uma versão incompleta e deformadora das condições de entrada e frequência desses estabelecimentos a qual, pelas omissões que contém, é susceptível de induzir em erro quem a tome à letra — o que nos impõe, portanto, o esclarecimento devido.

Assim:

1) — Podem entrar nos Institutos Industriais, sem exame de admissão os indivíduos:

a) — que possuam o 7.º ano completo dos liceus, da alínea f;

b) — que possuam o 5.º ano completo dos liceus e classificação média não inferior a 14 valores;

c) — que possuam a Secção Preparatória das Escolas Técnicas, com média geral não inferior a 14 valores;

2) — Fazem exame de admissão das disciplinas de Matemática, Física, Química e Desenho.

d) — os candidatos que possuam o Curso Geral dos liceus ou Secção Preparatória para os Institutos Industriais, com classificação inferior a 14 valores;

Deve dizer-se que os programas deste exame de admissão não estão actualmente ao nível dos alunos que disponham do 5.º ano liceal porquanto, para se habilitarem à admissão têm de fazer, para além dos conhecimentos que já possuem, uma preparação intensiva adequada.

3) — Os candidatos que disponham do 2.º ano liceal ou do Ciclo Preparatório do Ensino Técnico sujeitam-se a um exame de admissão completo, com provas eliminatórias de Português, Geografia, História, Francês ou Inglês, ao nível do 5.º ano liceal, seguida das provas de exame reduzido, antes citado.

Desta forma se verifica que os alunos que frequentam o 1.º ano dos Institutos Industriais dispõem de preparação básica semelhante — que o exame de admissão tem por fim fazer demonstrar.

A entrada e frequência dos Institutos Industriais está condicionada nos moldes indicados. No Projecto de Reforma do Ensino prevê-se a entrada nas Universidades a indivíduos de mais de 25 anos, com dispensa de provas de quaisquer habilitações oficiais. Esses indivíduos, todavia, para que ali possam ser admitidos, submeter-se-ão à realização dum exame apropriado.

Fica assim esclarecido, e devidamente situado, o problema a que se fez referência.

Também nos escalpeliza o Snr. Dr. Orlando de Oliveira pelo que chama «ingratidão», em virtude de nenhum de nós se ter dado ao incómodo de lhe agradecer a criação de sua iniciativa e com a ajuda financeira da Câmara, da «esperançosa escola que é o Instituto Comercial», estabelecimento que, estamos a aproveitar para como diz «criarmos os nossos filhos».

Como outras, esta referência Não entendemos a que fim visa. Não nos consta que ali frequente aulas qualquer filho de qualquer Agente Técnico de Engenharia — o que é simples casualidade e pode muito bem vir a alterar-se. Mas porquê os nossos filhos? — Acaso é essa a «gaveta» que lhes fixa por ser a «gaveta» dos seus pais e eles, sujeitos à estratificação de classe, não poderem aspirar sorridentemente a outra?

Os nossos filhos irão, naturalmente, para ali ou para outro lado qualquer: como cidadãos comuns que são já ou serão a seu tempo, e no gozo de regalias comuns, de que nós, por certo, não vamos voluntàriamente privá-los.

A referência é que, repetimos, não a entendemos. Tão-pouco atingimos o sentido do seu reparo pelo facto de lhe não termos exprimido agradecimentos em face do gesto que teve a favor da cidade, da região e, lògicamente, de todos nós.

Na verdade, aceitando a ideia de que a existência de tal estabelecimento de ensino é obra exclusivamente sua (e se o fôr em parte não deixa de ser meritória) não entendemos por que motivo haveríamos de declarar expressamente o nosso agradecimento tratando-se, como se trata, de casos do foro íntimo e que se ligam, além de a outros factores, ao carácter mais ou menos expansivo de cada qual.

Mas será mesmo a nós que é dirigido tal reparo? O endereço não será simulado? — Não haverá outros pessoas, ou classes, ou grupos, em Aveiro, aos quais o «barrete» seja igualmente ou até mais especialmente destinado?

Censura-nos o Snr. Dr. Orlando de Oliveira por termos dito que muito do que se projecta e faz é obra de agentes técnicos de engenharia dado que, em seu entender, o é sim duma equipa constituída por engenheiros, agentes técnicos de engenharia e operários.

A nossa discordância, nesta parte, não é profunda e a alegação até é, de algum modo, verdadeira. Apenas há aspectos a esclarecer e um equívoco, ou desconhecimento, a eliminar. Em primeiro lugar, e à *letra*, nós dissemos *muito do que se faz*, e não *tudo* quanto se faz... Além disso é do senso comum que expressões — aliás concorrentes — como a por nós usada, se referem ao âmbito das atribuições que nos são próprias. Pessoa nenhuma — e fazemos a justiça de aí considerar também o nosso opositor — terá pensado, a partir daquela expressão, que fazíamos, e aplicávamos as argamassas, lavrávamos as pedras, preparávamos as esquadrias, aplicávamos as tintas, metíamos as linhas telefónicas e os cabos eléctricos, etc., etc.

Afora esse juízo precipitado, porém, o Snr. Dr. Orlando de Oliveira parece ser presa dum equívoco, ou desconhecimento, que nos cumpre desfazer. Com efeito, as equipas de trabalho são muitas vezes constituídas por um ou mais engenheiros, um ou mais agentes técnicos de engenharia, e toda a gama de capatazes, encarregados e operários necessários à obra. Por vezes assim acontece e tudo decorre normalmente, em plena e frutuosa colaboração, como é habitual. Noutras, porém, o técnico exclusivo da obra é um engenheiro, com a mesma gama de capatazes, operários, etc. Outras ainda, e muitas são, o técnico também exclusivo da obra, o engenheiro (veja-se a definição dos dicionários), é um agente técnico de engenharia, que tanto como aquele, aí actua em plena legitimidade e responsabilidade como tivemos já ocasião de referir.

Tudo isto acontece segundo regras de competência profissional própria, que disposições legais e regulamentos condicionam, com a fixação dos limites da nossa actuação. Como houve já oportunidade de informar, estes limites, segundo parecer da Direcção Geral do Ennsino Técnico, podem estender-se, com garantias de proficiente execução, até 80 por cento do que em Portugal se executa no ramo da engenharia.

Tal largueza, ou limitação, de atribuições, *acontece*, apesar de *não haver hipótese*, na opinião do Snr. Dr. Orlando de Oliveira, *de dar a uma classe profissional de pessoas tão diversificadas a homogeneidade necessária para que essa classe constitua realmente um bloco que se imponha, tanto profissional como socialmente* (sic).

Faz reparo insistente o Snr. Dr. Orlando de Oliveira pelo facto de sermos 14 os signatários do artigo anterior, quando ele é apenas um. O assunto não tem significado e nem mesmo importaria responder. Esclarecemos, porém: — o número de 14 é meramente acidental. Nós, Agentes Técnicos de Engenharia, não somos só 14, nem 15, nem 20, nem 50, mas sim um número muito elevado. A classe foi visada em bloco — e 14 foram os que, em Aveiro, por se sentirem mais imediatamente atingidos, entenderam desde logo exprimir a sua reacção — o que em nada altera os dados do problema.

A razão que nos assiste não vem do número que representamos mas sim da justa causa que defendemos e do poder de convicção que está connosco.

O fiel da balança, portanto, que preocupa o nosso opositor, apontará sempre para zero, qualquer que seja o número dos que ocupem um ou outro dos seus pratos.

Além da precariedade dos motivos invocados pelo Snr. Dr. Orlando de Oliveira, não terá sido um dos seus menores senões o facto de, por um processo de eventual sobrevalorização própria, se considerar senhor de verdades indiscutíveis, para não dizermos intocáveis, e não reconhecer nos seus opositores, mais do que seres destituídos de qualquer capacidade crítica e até, talvez, de hombridade pessoal.

Dessa forma, e pelo que pudemos observar, somos levados a concluir que o Snr. Dr. Orlando de Oliveira terá provàvelmente, óptimas qualidades para tratar, dirigir, educar adolescentes — aspecto que nos não propomos analisar por não interessar ao assunto em debate. Não reune, porém, condições para lidar com quem tenha completado a sua formação de Homem, dado sempre considerar a outra parte em estado de menoridade mental.

Habituados à modéstia e obscuridade na nossa actuação social e profissional, e porque isso não é da nossa atribuição, não nos atrevemos nem a *educar*, nem a *castigar* ou a *punir* quem quer que seja — aliás, nesta parte, sendo sempre de nossa preferência a persuasão e o esclarecimento.

Tão-pouco aconselhamos seja quem for a proceder deste ou daquele modo, mormente tendo em vista o melindre habitual dos problemas de foro alheio.

Sempre nos parece, todavia, e apenas entre nós, que o Snr. Dr. Orlando de Oliveira, em casos futuros semelhantes nos quais venha a envolver-se, nada perderá se usar de maior calma, melhor reflexão e, sobretudo, mais ponderação do que demonstrou no assunto que nos tem ocupado.

Também poderá ser-lhe útil um pequeno sentido de justiça e equidade, cuja ausência é notória nos escritos que nos dedicou.

Dá o Snr. Dr. Orlando de Oliveira o debate por terminado, não sem frizar, todavia, não ter esgotado o assunto — sobre o qual, deduzimos, teria certamente ainda coisas a dizer. Assim acreditamos, sem dúvida. O caso, porém, não consiste em dizer coisas válidas, judiciosas, coerentes. Ora no caso que nos tem ocupado — experimentou-o bem o nosso opositor — não é possível uma contradita objectivamente estruturada, porquanto as razões que temos e apresentamos no nosso artigo de resposta ao primeiro do nosso opositor através de sumária mas cerrada argumentação, as razões que temos, diziamos, não são contestáveis. Poderão ser motivo de posição prévia, de parti-pris, de diversão ou variação como ficou sobejamente documentado, mas não realmente contestáveis — o que o presente debate demonstrou à saciedade.

Aí reside a nossa força e o nosso futuro — quaisquer que sejam os ventos ou as tempestades que se levantem.

Tal como o Snr. Dr. Orlando de Oliveira damos por concluída — e esperamos que definitivamente — uma confrontação de pontos de vista que bem julgáramos ver acabar mais cedo.

Procurámos manter no debate a compostura, a lealdade e a seriedade que são nosso hábito e temos por obrigação. Intentamos não molestar ou agravar, mesmo quando, em defesa do nome ou da fazenda, fomos obrigados a usar expressões sem ambiguidade.

De toda esta triste história, que bem poderia ter ficado como amigável «batepapo», queremos guardar a recordação, todavia, e do nosso opositor, a quem reafirmamos a consideração declarada em devido tempo, ter sido apenas infeliz.

Ao Ex.mo Senhor Director do «Litoral» apresentamos os nossos agradecimentos pelo amável e recto acolhimento prestado às nossas palavras, com o testemunho de muito elevada consideração.

Aveiro, 7 de Fevereiro de 1972

Um Grupo de Agentes Técnicos de Engenharia a trabalhar em Aveiro

aa) — Manuel Fernandes Alves Moreira
— António Marinheiro
— Luís de Azevedo Félix
— Ferdinand Francis Ferreira
— Belmiro Pereira do Couto
— António Martins Gamelas
— João de Deus Faria da Rocha
— A. Castro Moreira
— Artur Martins Cabrita
— Manuel Gaspar
— José Mendes de Sousa Ramos
— José Cura Gaspar dos Santos
— Luís Gonzaga Teiga Loureiro
— Júlio Maia

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado . . .	NETO
Domingo . . .	MOURA
2.ª-feira	CENTRAL
3.ª-feira	MODERNA
4.ª-feira . . .	ALA
5.ª-feira . . .	AVEIRENSE
6.ª-feira . . .	AVENIDA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

ILUMINAÇÕES PÚBLICAS

Os Serviços Municipalizados de Aveiro vão proceder à transformação das iluminações existentes no Jardim de D. Afonso V, que ladeia o Museu, no sentido de criar uma mais recomendável profusão de luz naquele local, pondo-se, igualmente, em evidência o monumento ao ilustre aveirense Dr. Alberto Souto, ali existente.

NOVOS ÊXITOS DO CENTRO DE CULTURA OLIVA

No próximo sábado, 19, o Centro de Cultura Oliva representará, em Viana do Castelo, a peça PATELÃO, dirigida pelo conhecido e laureado encenador aveirense Rui Lebre.

Trata-se de um espectáculo que a crítica lisboeta justificadamente enalteceu no final do Concurso de Teatro de Amadores, de que foi vencedor, e que é detentor dos prémios «Maria Matos» e «António Pinheiro» e de três diplomas de honra.

O agrupamento de S. João da Madeira — que está a preparar a representação do espectáculo colectivo «Inspector-Inspecção», segundo textos de Gogol — actuará brevemente em Lamego e Viseu, também com a peça PATELÃO, que ainda há pouco tempo obteve novo êxito em Coimbra.

NOVA IGREJA NA GAFANHA DA BOA-HORA

O venerando Prelado da Diocese, sr. D. Manuel de Almeida Trindade, deslocou-se recentemente à Gafanha da Boa-Hora, onde presidiu à bênção e colocação da primeira pedra para a construção da nova igreja paroquial.

Ao solene acto estiveram presentes o pároco da freguesia, Rev.º Manuel Vieira de Carvalho e Silva, diversos sacerdotes, os devotados membros da Comissão Fabriqueira do novo templo e numerosos elementos da população local

BAILES DE CARNAVAL

● A Companhia de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes («Bombeiros Novos») promove este ano o costumado baile de Carnaval dedicado aos seus associados e famílias, que se realizará hoje, 12, com início pelas 21 horas, no Teatro Aveirense.

● Na próxima segunda-feira, 14, um grupo de jovens associados do Club de Aveiro, realizam um baile, na sede do Clube, que terá a participação do conjunto musical «Five in Loco».

● Também na segunda-feira de Carnaval, a Banda Amizade dedicará um baile, que se realiza no Teatro Aveirense, aos seus associados e familiares.

Além deste, levará a efeito, na sede, nos dias 13 e 15, bailes de máscaras.

● A Sociedade Recreio Artístico levará a efeito, na próxima terça-feira, 15, pelas 15.30 horas, no salão nobre da colectividade, uma festa carnavalesca dedicada aos filhos dos seus associados menores de 10 anos. Serão atribuídos prémios aos que se apresentarem melhor trajados.

EM ÁGUEDA
Uma conferência no CEFAS

Na próxima sexta-feira, 18 de Fevereiro corrente, às 21.30 h., o Dr. João Evangelista Ribeiro Jorge, assistente Nacional da UCIDT, desenvolverá o tema:

ESTÁ PRÓXIMO O REINO DE DEUS

1 - Ideias ou razões de interessamento:

— Início da pregação de Jesus.

— Resposta ao pessimismo moderno.

— Convite à edificação dum novo MODELO de VIDA

2 - Como discernir o reino de Deus?

— A função do VER
— A função do OUVIR
— A força do SANGUE

3 - Acessibilidade do reino de Deus

— Condições do Homem
— Impulsos da vida "organizada".

Este trabalho, enquadrado nas Conferências Culturais promovidas pela Equipa do CEFAS, é aberto a todas as pessoas, crentes e não-crentes. O diálogo franco permitirá um aprofundamento sobre o tema exposto.

ENCONTROS SACERDOTAIS

Durante o mês de Fevereiro corrente, têm vindo a realizar-se os anunciados encontros sacerdotais dos arciprestados da Diocese aveirense.

Integrados no turno de encontros deste mês, haverá ainda os seguintes: no dia 17 em Aveiro (no Centro Paroquial de S. Bernardo); e, no dia 21 em Estarreja e na Murtosa.

TARDE DE REFLEXÃO PARA CASAIS

Na tarde do último domingo, no Colégio do Sagrado Coração de Maria, realizou-se uma tarde de reflexão para casais. Os trabalhos foram orientados pelo Rev.º Arménio Alves da Costa, que fez uma exposição sobre o tema «Diálogo Religioso com os Filhos».

CONSELHO MUNICIPAL

Pelas 10 horas da próxima terça-feira, dia 15, o Conselho Municipal reunirá, em sessão ordinária, com a seguinte ordem de trabalhos: discussão do Relatório da Gerência do Município no ano de 1971 e apreciação de diversas deliberações camarárias recentes.

NOVA DIRECÇÃO DO ROTARY CLUBE DE AVEIRO

Sob a presidência do sr. Carlos Manuel Gamelas, e com a presença da maioria dos associados, realizou-se a costumada reunião do clube rotário aveirense. Presente, ainda, o sr. Walter Kelley, da colectividade congénere de Hammonspart, Nova Iorque.

Depois de tratados diversos assuntos de interesse associativo, procedeu-se à eleição do elenco directivo que servirá no ano de 1972-73, e que ficou assim constituído: *Presidente* — Dr. Humberto Leitão; *Vice-Presidente* — Carlos Grangeon Ribeiro Lopes e Fernando da Conceição Mendes; *Secretários* — Abel Santiago e Alfredo de Almeida Marques; *Tesoureiro* — Carlos Vicente Ferreira; *Director do Protocolo* — Arq.º Rogério Barroca; *Vogais* — Eng.º Manuel Tavares da Conceição, Francisco Gonzalez de aL Peña e José Gamelas Matias.

Não Pactuemos!

Continuação da primeira página

ram criadas algumas Escolas do Magistério Primário e estava destinado que uma seria para Aveiro. Várias cidades foram pedindo, os seus pedidos foram satisfeitos e de tudo isto resultou que ainda hoje não temos uma escola oficial dessa modalidade.

Os estudantes do Liceu pediram ensino superior em Julho de 1970 e repetiram a petição em Abril de 1971, tendo ouvido palavras animadoras mas não comprometedoras. São jovens; têm vozes límpidas mas falta-lhes a ferrugem da experiência. Será isso bastante?

Em areópago coimbrão onde se tem desenvolvido grande actividade na preparação do IV Plano de Fomento é já hoje ponto assente que Aveiro merece e precisa da sua Universidade, havendo mesmo um eminente Professor Catedrático de Medicina que defende calorosamente a criação duma Faculdade dessa Ciência (ou Arte?) em Aveiro. Bastará?

Todos estes factores são alguma coisa, mas cremos que o movimento de opinião já existente em Aveiro precisaria de provar a sua existência com manifestação concreta e, se possível, retumbante.

Quando há anos se pôs no ar o problema da ponte de S. Jacinto, foi dilatada Embaixada ao Terreiro do Paço. Não terá a mesma ou maior importância a existência dos Estudos Gerais em Aveiro?

As perguntas formuladas constituem apelo para as Forças Vivas e Entidades Responsáveis.

É mais difícil nadar no marasmo do que nas águas agitadas.

Vamos a isto?

Não pactuemos com a indiferença nem com os comodistas que só sabem fazer lamentações e dizer mal dos que não conseguem.

Não pactuemos!!!

ORLANDO DE OLIVEIRA

Tragédia em Fim de Festa

— cujo estado é satisfatório — encontram-se ainda internados no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro os srs. Manuel Maria Cruz Fernandes, seu filho, António Marques da Cruz Fernandes, e José Maria Simões Soromenho. Tiveram alta os sinistrados srs. Augusto das Neves Dias e Manuel Correia Leite. O Subchefe da P. S. P. sr. Armando da Silva Estudante, que se encontrava em serviço no local e também sofreu ferimentos, pôde recolher a sua casa depois de tratado no Hospital.

TEATRO AVEIRENSE
Cartaz de Espectáculos

Domingo, 13 — à tarde e à noite

«17 ANOS, CABELOS LOIROS» — um filme com Eleanora Brown, Elga Andersen e Udo Jurgens.

Para maiores de 18 anos.

Segunda-feira, 14 — à noite

BAILE — promovido pela «Banda Amizade».

Terça-feira, 15 — à tarde

AS VIAGENS DE GULLIVER — desenhos animados.

Para maiores de 6 anos.

Terça-feira, 15 — à noite

MULHERES, MÚSICA E... A NOITE — com Juliette Greco e Dean Martin.

NO FINAL DAS SESSÕES NOCTURNAS DE CINEMA de domingo e de terça-feira, haverá bailes, no salão de festas, até às 3 horas da madrugada.

cartões de visita

PADRE MANUEL CAETANO FIDALGO

Hoje, pelo começo da tarde, deve tomar o avião para os Estados Unidos da América do Norte o Rev.º Padre Manuel Caetano Fidalgo, Director do nosso prezado colega "Correio do Vouga", e ilustre orador sagrado, a quem desejamos boa viagem.

Vai — mais uma vez — para realizar pregações quaresmais nas igrejas portuguesas de Newark, Cambridge, Lowel e Bridgeport, a convite das respectivas entidades paroquiais. Regressará em princípios de Abril.

MENINA DEOLINDA AMADOR E CRUZ

Deu-nos o grato prazer da sua visita a menina Deolinda Maria Alves Amador e Cruz, filha dos nossos amigos D. Deolinda Nunes Faria Amador da Cruz e João Pedro Amador da Cruz, grande e estimado comerciante em Belém do Pará.

A simpática menina veio festejar o seu aniversário natalício — completou 15 anos na terça-feira, 8 do corrente — na companhia dos seus tios, sr.ª D. Armanda Amador da Cruz, residente em Lisboa, e Dr. Manuel Amador da Cruz, nosso bom amigo e distinto Veterinário Municipal em Aveiro.

A Deolinda Maria, que se encontra em Portugal desde princípios de Janeiro, deve regressar a Belém do Pará em fins de Fevereiro corrente.

Boa viagem e muitas felicidades.

"Bombeiros ...s"

A Direcção, Comando e o Cor... Associação Humanitária dos Bombei...os de Aveiro, vêm, pùblicamente, t...o seu agradecimento a todos quantos, ...forma, colaboraram na realização das ...orativas do 90º Aniversário da Corpo...

Aveiro, 9 de Fe...72

AG...ENTOS

...tos

A ...doso extinto ...quer falta i...e cometida, ...te meio, agra...s pessoas que, ..., lhe manifes...esar.

...Jesus

A ...dosa extinta ...ter agradeci...s pessoas que, ...odo, lhe mani...eu pesar, fá-lo..., pedindo desc...ltas que poss... involuntària...

Câ... Peixinho

Su...impossibilidad...ssoalmente, v...sibilizada, torna... reconhecime... aos que, de q... lhe manifes...esar pelo faleci... saudosa extin...

AVEIRO/ARTE

Continuação da primeira página

trabalho relativamente fácil, se o fenómeno artístico se pudesse reduzir a meia dúzia de premissas manipuladas no sentido de conclusões a contento. Mas todos sabemos que a Arte se não pode espartilhar sem o risco de assistirmos ao explodir de todas as varas, por mais fortes que elas se nos afigurem. Presente, em nossos dias, o êxito ainda duvidoso, (na opinião dos especialistas) como valor artístico, destas primeiras experiências do chamado realismo socialista (1) — porque espartilho de carácter dogmático. Presente, também, **in memorian**, o erro apontado ao próprio Platão pretendendo a Arte mero arauto de virtudes morais — porque espartilho de carácter hierárquico.

E chegámos à altura de dizer o que entendemos por realidade. Mas, evidentemente, a realidade do próprio artista. Em arte, só essa realidade conta. Se ela contém implícita ou explícita as exigências de uma dialéctica epocal, não deve importar ao crítico enquanto crítico do fenómeno artístico, outrossim — e sòmente — ao homem defendendo a dinâmica que lhe parece necessária. «Realidade, se significa alguma coisa, significa a totalidade de fenómenos presentes aos sentidos, e como tal não pode ser qualificada de «socialista» ou «capitalista»...» (2). E, por isso, para nosso governo, gostaríamos de saber qual a medida-padrão com que foram aferidas as obras aparecidas em **Aveiro/Arte**. Se, como parece transparecer em alguns textos, aferidas de preferência pela utilidade (relevância concedida à «importância funcional do artista»), achamos estreitíssimo. E apesar de, pessoalmente, alinharmos com quantos desejam o artista na arena e não na comodidade da bancada (no dizer de Camus), informamos que isso se deve a exclusiva opção interior e não a obediência a qualquer factor extrínseco. Achamos pertinente que se lastime — e lastimamo-lo mais do que ninguém — que se não tenha verificado ainda a necessária osmose entre o homem cônscio das necessidades prementes da sua época (necessidade, sobretudo, de evitarmos o caminho para o dilúvio total) e o artista que, muitas vezes, nele subjaz. Da mesma maneira que lastimamos pretender-se substituir essa osmose, esse caminho natural e, por isso, não coercivo, por simples decreto.

E se por movimento se interpretou a ambiciosa intenção de abalar vetustas muralhas, temos muitíssima pena, mas só desejávamos para «movimento» um significado meramente físico, só desejávamos apontar que partíamos de uma situação de inércia (inércia de pessoas que se julgam artistas). Daí o nosso espanto. É que nunca pensámos que alguém tivesse a veleidade de admitir que teríamos a pretensão de assentar praça como generais.

— Pois, desta vez, reduzi-os, estilhacei-os, pulverizei-os...

E empunhava meia dúzia de folhas dactilografadas, esse nosso amigo de velhos tempos de Coimbra. Expectantes, aguardávamos a necessária explicação. E ele, de olhos com brilho desusado, ventas sorvendo o ar em largos haustos, palavras cortando o silêncio, cabeça erguida olimpicamente, repetia: — Caramba!, escrevi um conto, escrevi um conto, escrevi um conto...

Santa ingenuidade esta de se julgar um conto (ou um artigo, ou uma crítica) promotor de cataclismos, como estultícia seriar acreditar que uma simples mostra de possibilidades — ou, porventura, de virtualidades ainda não volvidas realidade — com dinâmica suficiente para, por exemplo, reinventar a pintura, ou voltar a face do mundo. Pois quem se atreveria a vislumbrar por aqui a semente de qualquer Velasquez, de qualquer Rodin, para citarmos só artistas já decantados pelo tempo? Vivemos, de facto, em núcleo pequeno-burguês (somos todos burgueses nesta acepção), mas bem cônscios — esperamo-lo — da relatividade que tal vivência implica.

Que foi **Aveiro/Arte**? — Pois simples e despretensiosa oportunidade dos artistas aveirenses juntarem e mostrarem os seus trabalhos. Nunca pretenderam mais, nem talvez possam ir mais longe. Mas muito menos ambicionaram — ou sonharam — nos seus trabalhos a tal dinâmica capaz, por si só, de qualquer repercussão detectável no contexto sócio-político. Os artistas de **Aveiro/Arte**, colhidos em todas as camadas sociais, mostraram, de mangas vazias e arregaçadas, tanto quanto sabiam. E fizeram-no com toda a humildade. E, do mesmo modo, aceitaram e aceitam, como benefício, toda a crítica, seja ela credenciada, ou constitua ela, até, mero ensejo para alarde de exercícios dialécticos.

Bem sabemos que a maior parte das manifestações artísticas dos nossos dias, sobretudo no campo das artes plásticas, se presta a contrafacções, mas contrafacções que o tempo — mais do que os juízos de valor assentes em dogmas de natureza intelectual, por exemplo, — joeirará inexoràvelmente. De facto, concordamos (não será, pròpriamente, o caso de **Aveiro/Arte**) na penosa receptividade, por parte das massas, às experiências mais avançadas. E se, de entre todos os males que daí derivam, não será o menor o das tentações que conduzem à contrafacção, não o será, também, o preconceito tantas vezes presente no julgamento crítico.

Quanto ao valor das obras expostas, sob o ponto de vista técnico e de criatividade, juízos de valor por juízos de valor, permitam-nos que creditemos de preferência (até provas em contrário, evidentemente) aqueles que têm sido emitidos por quem, por deveres profissionais, todos os dias se refrescam na arte de bem ensinar o uso das tintas, do barro, etc., etc.

E se a I Exposição de **Aveiro/Arte** permitiu revelar, ou apenas reafirmar, as qualidades de um ou dois artistas — qualidades reconhecidas não no homem, mas no artista, queremos dizer única e exclusivamente através das suas obras — tanto bastará para considerarmos o evento muito para além das nossas expectativas.

VASCO BRANCO

1) — Leia-se, por exemplo, a colectânea de ensaios «O Homem como fim», de Alberto Moravia; ou «A Arte e a Sociedade», de Herbert Read.

2) — Herbert Read.

Casa-Museu de Egas Moniz

Continuação da primeira página

minhas», Diário das Sessões, N.º 150, de 19 de Janeiro de 1972) e que ora acorre para pedir também a abertura das portas de uma Casa-Museu destinada a perpetuar na memória dos homens uma figura nacional cuja riqueza multifacetada já tem bem definido o seu lugar na história e dispensa certos julgamentos.

Tem sido assinalada verbalmente e na Imprensa a situação criada à Fundação depois da morte do seu guarda o Senhor Joaquim Rosado. Permita-me V. Ex.ª que comece por corrigir a opinião expressa logo no início do artigo sobre o dedicado servidor do grande cientista.

O Senhor Joaquim Rosado, de origem humilde, começou a servir muito novo a casa do Professor Egas Moniz. Dotado de excepcionais qualidades de sensibilidade e compreensão, na sua simplicidade de origem, educou o gosto e requintou-se no ambiente da casa culta que servia e tornou-se, na afeição dedicada ao seu patrão, o companheiro das conversas diárias, o infatigável ajudante de múltiplas andanças, o carinhoso enfermeiro das horas de doença.

O gosto com que cuidava do arranjo das casas de Lisboa e Avanca, tanto do agrado de Egas Moniz, foi de enorme importância a quem organizou as salas da Casa-Museu e em minha opinião o seu nome deveria ficar assinalado singelamente, em frase recolhida, com a mesma modéstia e simplicidade com que este homem, modesto, simples e bom percorreu a vida, só para servir com extrema dedicação um homem ilustre que sabia elevar os simples da sua condição.

O seu passamento em nada altera as condições estatutárias que assistem à Fundação e lhe dão a continuidade pretendida, enquanto as várias notícias surgidas parece darem a entender que a Fundação e o seu precioso recheio se encontravam entregues exclusivamente ao homem simples e ao guarda, como se pudesse estar no pensamento de Egas Moniz, de sua mulher e de quem instituiu a Fundação e a legalizou, tão infantil alegação.

Não deixamos de ser em Portugal um alfobre de líricos e romancistas como dizia Camilo no «Cego de Landim»...

Quem ler os estatutos da Fundação encontra no Artigo oitavo a indicação dos membros que compõem a sua Comissão Dirigente; no Artigo nono a indicação dos membros escolhidos para a Assembleia Geral; desta fazem parte como sócios-natos membros da família dos doadores (alguns nunca deixaram de acompanhar e estão sempre atentos a todas as questões da vida da Fundação) e ainda dois Presidentes da Câmara e um Presidente da Junta de Freguesia; no Artigo décimo está prevista a possibilidade de escolha de mais dois vogais.

Por aqui se vê que felizmente não é preciso acudir à Casa-Museu Egas Moniz nem à Fundação que a alberga, depois do desaparecimento normal e esperado do guarda do Museu.

A Fundação tem o seu órgão directivo que não deixará de procurar, como lhe compete e com o interesse que os Estatutos apontam para o prosseguimento dos objectivos dos seus doadores, os empregados a fim de manter as portas abertas da Casa-Museu para bem da cultura artística e científica.

Outra coisa, porém, é o apelo que também perfilho, ao Senhor Ministro da Educação Nacional, mas faço-o nos termos adequados. Quais são eles?

Há obras que têm valor nacional, fora de todos os partidarismos e ideologias circunstanciais que os tempos engolem na sua implacável voracidade deixando o que de mais positivo fica nas realizações humanas. Há instituições que merecem largo auxílio pecuniário para desempenho de todos os objectivos que lhes estão reservados. Há espólios cuja importância material e espiritual os torna pertença da Nação.

Já se tentou interessar a Administração da poderosa e benemérita Fundação Gulbenkian, que se interessou por outros casos semelhantes, mas para esta Casa-Museu, inexplicàvelmente, nunca contribuiu.

Apraz-me, salientar que um dos seus directores, simultâneamente Director do Museu Regional de Aveiro, o Dr. António Manuel Gonçalves, com quem tive o grande prazer de colaborar na instalação do Museu, a título pessoal generosamente e dedicadamente prestou e presta os seus serviços de culto conhecedor.

Mas a figura nacional que foi o Professor Egas Moniz merece efectivamente que o espólio, que ofereceu à região onde nasceu e acarinhou e ao país que muito amou e altamente serviu, reunido sob o tecto de uma Fundação com largos intuitos culturais, seja protegido pelas entidades oficiais para lhe dar estabilidade e segura sobrevivência. Isto, sem mais ou outros encargos, pois a Casa-Museu foi instalada e manteve-se aberta a expensas exclusivas do património e rendimentos deixados pelo Professor Egas Moniz e pode manter-se, embora com algumas dificuldades, todavia com meios testamentários. Estes foram suficientes para a criar com o cuidado e o nível que a ninguém passam despercebidos.

Ora, é neste exacto ponto de vista que se pensa poder esperar do Senhor Ministro da Educação Nacional — cuja aberta e viva inteligência, aliás, já se debruçou sobre os assuntos desta instituição abrangendo-a pela assistência técnica do Director do Museu de Aveiro — a solução que promova o afastamento das dificuldades que possam atrasar a rápida entrega deste rico património cultural e artístico ao Estado.

Essa era a intenção de quem desejou a Casa-Museu; essa é a intenção de quem a tornou possível.

Perdoe-me V. Ex.ª pedir-lhe a ocupação de algum espaço do seu Jornal para estas linhas, mas no meu entendimento, julgo que o presente esclarecimento se não for útil é pelo menos necessário.

Entretanto e, grato pela amabilidade dirijo a V. Ex.ª os meus melhores cumprimentos.

ANTÓNIO MACIEIRA COELHO

Aconteceu...

Continuação da primeira página

no Consulado da Africa do Sul, debruçado sobre a baía iluminada, que encanta, prende e seduz.

A lista dos convidados — se bem que a ignore — avalio-a, pois, normalmente, são sempre os mesmos, variando apenas o homenageado, o que convida e as toiletes... *Até a própria ementa (aqui ou em qualquer parte do mundo) não costuma sofrer alterações dignas de nota, na medida em que o arroz à valenciana, os ovos com salsichas e as bifanas com* champignon *fazem, normalmente, parte da lista dos «quentes», enquanto que nos «frios» raríssimas vezes se nota a ausência dos croquetes, dos rissóis, do perú recheado e da lagosta ao natural. Quanto aos vinhos, a previsão nem sempre é fácil, pois as marcas do* whisky, *do* champagne, *do cognac ou do licor estão em relação directa com as possibilidades económicas do ofertante. Mas porque a um* cocktail *não se assiste, mas participa-se, a ementa não nos mereceu a mais pequena parcela de curiosidade. Apressamo-nos, todavia, a acrescentar que o Consulado da África do Sul tencionava, inicialmente, convidar umas setenta pessoas para a recepção ao Professor Christian Barnard e à sua jovem mulher. Todavia, outro remédio não teve do que alongar a lista dos convidados para umas cento e cinquenta pessoas, porque os pedidos eram muitos e «fortes», segundo pude ler na Imprensa local.*

O facto mereceu-me uns momentos de justificada reflexão, na medida em que parece deselegante, pouco educado e anti-protocolar fazermo-nos convidados para a casa dos outros, mesmo que essa casa seja o Consulado de um país amigo. Obrigar-se — mercê de influências que se movem — aquele que convida a aumentar, à última hora, o número de bolos de bacalhau, pastéis de massa folhada, rissóis de camarão e empadas de galinha, revela descaramento e falta de cortesia!

Bem sei — e antes o não soubesse! — haver normas de convivência social e princípios basilares de educação que impõem e exigem apenas às classes menos responsabilizadas, enquanto essas mesmas normas e princípios parecem «bem» e chic *serem esquecidos por determinadas castas e elites...*

Seja como for, custa-me a aceitar (e não aceito mesmo) que tais atitudes, pouco ou nada dignificantes, possam ter a elegância dos vestidos de soirée *que roçam os chãos alcatifados dos salões dos* cocktails...

Diga-se o que se disser, não me parece que tais formas de proceder se harmonizem com a aparência de requintes de educação e de cultura, tantas vezes fictícios, que tornam tais ambientes de fausto e de pompa fechados e inacessíveis a tanta gente educada e culta.

Sei que Barnard — e gostosamente o digo — ficou bem impressionado com Luanda e que levou as mais gratas recordações do sossego encantador e da beleza ímpar da ilha do Mussulo.

Sei, ainda, que prometeu voltar.

Pudera!, não foi ele quem pagou o cocktail *para o qual muitos se fizeram convidados...*

ARAÚJO E SÁ

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	NETO
Domingo	MOURA
2.ª-feira	CENTRAL
3.ª-feira	MODERNA
4.ª-feira	ALA
5.ª-feira	AVEIRENSE
6.ª-feira	AVENIDA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

ILUMINAÇÕES PÚBLICAS

Os Serviços Municipalizados de Aveiro vão proceder à transformação das iluminações existentes no Jardim de D. Afonso V, que ladeia o Museu, no sentido de criar uma mais recomendável profusão de luz naquele local, pondo-se, igualmente, em evidência o monumento ao ilustre aveirense Dr. Alberto Souto, ali existente.

NOVOS ÊXITOS DO CENTRO DE CULTURA OLIVA

No próximo sábado, 19, o Centro de Cultura Oliva representará, em Viana do Castelo, a peça PATELÃO, dirigida pelo conhecido e laureado encenador aveirense Rui Lebre.

Trata-se de um espectáculo que a crítica lisboeta justificadamente enalteceu no final do Concurso de Teatro de Amadores, de que foi vencedor, e que é detentor dos prémios «Maria Matos» e «António Pinheiro» e de três diplomas de honra.

O agrupamento de S. João da Madeira — que está a preparar a representação do espectáculo colectivo «Inspector-Inspecção», segundo textos de Gogol — actuará brevemente em Lamego e Viseu, também com a peça PATELÃO, que ainda há pouco tempo obteve novo êxito em Coimbra.

NOVA IGREJA NA GAFANHA DA BOA-HORA

O venerando Prelado da Diocese, sr. D. Manuel de Almeida Trindade, deslocou-se recentemente à Gafanha da Boa-Hora, onde presidiu à bênção e colocação da primeira pedra para a construção da nova igreja paroquial.

Ao solene acto estiveram presentes o pároco da freguesia, Rev.º Manuel Vieira de Carvalho e Silva, diversos sacerdotes, os devotados membros da Comissão Fabriqueira do novo templo e numerosos elementos da população local

BAILES DE CARNAVAL

● A Companhia de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes («Bombeiros Novos») promove este ano o costumado baile de Carnaval dedicado aos seus associados e famílias, que se realizará hoje, 12, com início pelas 21 horas, no Teatro Aveirense.

● Na próxima segunda-feira, 14, um grupo de jovens associados do Club de Aveiro, realizam um baile, na sede do Clube, que terá a participação do conjunto musical «Five in Loco».

● Também na segunda-feira de Carnaval, a Banda Amizade dedicará um baile, que se realiza no Teatro Aveirense, aos seus associados e familiares.

Além deste, levará a efeito, na sede, nos dias 13 e 15, bailes de máscaras.

● A Sociedade Recreio Artístico levará a efeito, na próxima terça-feira, 15, pelas 15.30 horas, no salão nobre da colectividade, uma festa carnavalesca dedicada aos filhos dos seus associados menores de 10 anos. Serão atribuídos prémios aos que se apresentarem melhor trajados.

EM ÁGUEDA
Uma conferência no CEFAS

Na próxima sexta-feira, 18 de Fevereiro corrente, às 21.30 h., o Dr. João Evangelista Ribeiro Jorge, assistente Nacional da UCIDT, desenvolverá o tema:

ESTÁ PRÓXIMO O REINO DE DEUS

1 - Ideias ou razões de interessamento:
— Início da pregação de Jesus.
— Resposta ao pessimismo moderno.
— Convite à edificação dum novo MODELO de VIDA

2 - Como discernir o reino de Deus?
— A função do VER
— A função do OUVIR
— A força do SANGUE

3 - Acessibilidade do reino de Deus
— Condições do Homem
— Impulsos da vida "organizada".

Este trabalho, enquadrado nas Conferências Culturais promovidas pela Equipa do CEFAS, é aberto a todas as pessoas, crentes e não-crentes. O diálogo franco permitirá um aprofundamento sobre o tema exposto.

ENCONTROS SACERDOTAIS

Durante o mês de Fevereiro corrente, têm vindo a realizar-se os anunciados encontros sacerdotais dos arciprestados da Diocese aveirense.

Integrados no turno de encontros deste mês, haverá ainda os seguintes: no dia 17, em Aveiro (no Centro Paroquial de S. Bernardo); e, no dia 21 em Estarreja e na Murtosa.

TARDE DE REFLEXÃO PARA CASAIS

Na tarde do último domingo, no Colégio do Sagrado Coração de Maria, realizou-se uma tarde de reflexão para casais. Os trabalhos foram orientados pelo Rev.º Arménio Alves da Costa, que fez uma exposição sobre o tema «Diálogo Religioso com os Filhos».

CONSELHO MUNICIPAL

Pelas 10 horas da próxima terça-feira, dia 15, o Conselho Municipal reunirá, em sessão ordinária, com a seguinte ordem de trabalhos: discussão do Relatório da Gerência do Município no ano de 1971 e apreciação de diversas deliberações camarárias recentes.

NOVA DIRECÇÃO DO ROTARY CLUBE DE AVEIRO

Sob a presidência do sr. Carlos Manuel Gamelas, e com a presença da maioria dos associados, realizou-se a costumada reunião do clube rotário aveirense. Presente, ainda, o sr. Walter Kelley, da colectividade congénere de Hammonspart, Nova Iorque.

Depois de tratados diversos assuntos de interesse associativo, procedeu-se à eleição do elenco directivo que servirá no ano de 1972-73, e que ficou assim constituído: *Presidente* — Dr. Humberto Leitão; *Vice-Presidente* — Carlos Grangeon Ribeiro Lopes e Fernando da Conceição Mendes; *Secretários* — Abel Santiago e Alfredo de Almeida Marques; *Tesoureiro* — Carlos Vicente Ferreira; *Director do Protocolo* — Arq.º Rogério Barroca; *Vogais* — Eng.º Manuel Tavares da Conceição, Francisco Gonzalez de aL Peña e José Gamelas Matias.

Não Pactuemos!

Continuação da primeira página

ram criadas algumas Escolas do Magistério Primário e estava destinado que uma seria para Aveiro. Várias cidades foram pedindo, os seus pedidos foram satisfeitos e de tudo isto resultou que ainda hoje não temos uma escola oficial dessa modalidade.

Os estudantes do Liceu pediram ensino superior em Julho de 1970 e repetiram a petição em Abril de 1971, tendo ouvido palavras animadoras mas não comprometedoras. São jovens; têm vozes límpidas mas falta-lhes a ferrugem da experiência. Será isso bastante?

Em areópago coimbrão onde se tem desenvolvido grande actividade na preparação do IV Plano de Fomento é já hoje ponto assente que Aveiro merece e precisa da sua Universidade, havendo mesmo um eminente Professor Catedrático de Medicina que defende calorosamente a criação duma Faculdade dessa Ciência (ou Arte?) em Aveiro. Bastará?

Todos estes factores são alguma coisa, mas cremos que o movimento de opinião já existente em Aveiro precisaria de provar a sua existência com manifestação concreta e, se possível, retumbante.

Quando há anos se pôs no ar o problema da ponte de S. Jacinto, foi dilatada Embaixada ao Terreiro do Paço. Não terá a mesma ou maior importância a existência dos Estudos Gerais em Aveiro?

As perguntas formuladas constituem apelo para as Forças Vivas e Entidades Responsáveis.

É mais difícil nadar no marasmo do que nas águas agitadas.

Vamos a isto?

Não pactuemos com a indiferença nem com os comodistas que só sabem fazer lamentações e dizer mal dos que não conseguem.

Não pactuemos!!!

ORLANDO DE OLIVEIRA

Tragédia em Fim de Festa

— cujo estado é satisfatório — encontram-se ainda internados no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro os srs. Manuel Maria Cruz Fernandes, seu filho, António Marques da Cruz Fernandes, e José Maria Simões Soromenho. Tiveram alta os sinistrados srs. Augusto das Neves Dias e Manuel Correia Leite. O Subchefe da P. S. P. sr. Armando da Silva Estudante, que se encontrava em serviço no local e também sofreu ferimentos, pôde recolher a sua casa depois de tratado no Hospital.

TEATRO AVEIRENSE
Cartaz de Espectáculos

Domingo, 13 — à tarde e à noite
«17 ANOS, CABELOS LOIROS» — um filme com Eleanora Brown, Elga Andersen e Udo Jurgens.
Para maiores de 18 anos.

Segunda-feira, 14 — à noite
BAILE — promovido pela «Banda Amizade».

Terça-feira, 15 — à tarde
AS VIAGENS DE GULLIVER — desenhos animados.
Para maiores de 6 anos.

Terça-feira, 15 — à noite
MULHERES, MÚSICA E... A NOITE — com Juliette Greco e Dean Martin.

NO FINAL DAS SESSÕES NOCTURNAS DE CINEMA de domingo e de terça-feira, haverá bailes, no salão de festas, até às 3 horas da madrugada.

cartões de Visita

PADRE MANUEL CAETANO FIDALGO

Hoje, pelo começo da tarde, deve tomar o avião para os Estados Unidos da América do Norte o Rev.º Padre Manuel Caetano Fidalgo, Director do nosso prezado colega "Correio do Vouga", e ilustre orador sagrado, a quem desejamos boa viagem.

Vai — mais uma vez — para realizar pregações quaresmais nas igrejas portuguesas de Newark, Cambridge, Lowel e Bridgeport, a convite das respectivas entidades paroquiais. Regressará em princípios de Abril.

MENINA DEOLINDA AMADOR E CRUZ

Deu-nos o grato prazer da sua visita a menina Deolinda Maria Alves Amador e Cruz, filha dos nossos amigos D. Deolinda Nunes Faria Amador da Cruz e João Pedro Amador da Cruz, grande e estimado comerciante em Belém do Pará.

A simpática menina veio festejar o seu aniversário natalício — completou 15 anos na terça-feira, 8 do corrente — na companhia dos seus tios, sr.ª D. Armanda Amador da Cruz, residente em Lisboa, e Dr. Manuel Amador da Cruz, nosso bom amigo e distinto Veterinário Municipal em Aveiro.

A Deolinda Maria, que se encontra em Portugal desde princípios de Janeiro, deve regressar a Belém do Pará em fins de Fevereiro corrente.

Boa viagem e muitas felicidades.

"Bombeiros ...s"

A Direcção, Comando e o Co[...] Associação Humanitária dos Bombeiros de Aveiro, vêm, pùblicamente, [...] seu agradecimento a todos quantos, [...] forma, colaboraram na realização das [...] orativas do 90º Aniversário da Corp[...]

Aveiro, 9 de Fe[...]

AVEIRO/ARTE

Continuação da primeira página

trabalho relativamente fácil, se o fenómeno artístico se pudesse reduzir a meia dúzia de premissas manipuladas no sentido de conclusões a contento. Mas todos sabemos que a Arte se não pode espartilhar sem o risco de assistirmos ao explodir de todas as varas, por mais fortes que elas se nos afigurem. Presente, em nossos dias, o êxito ainda duvidoso, (na opinião dos especialistas) como valor artístico, destas primeiras experiências do chamado realismo socialista (1) — porque espartilho de carácter dogmático. Presente, também, **in memorian**, o erro apontado ao próprio Platão pretendendo a Arte mero arauto de virtudes morais — porque espartilho de carácter hierárquico.

E chegámos à altura de dizer o que entendemos por realidade. Mas, evidentemente, a realidade do próprio artista. Em arte, só essa realidade conta. Se ela contém implícita ou explícita as exigências de uma dialéctica epocal, não deve importar ao crítico enquanto crítico do fenómeno artístico, outrossim — e sòmente — ao homem defendendo a dinâmica que lhe parece necessária. «Realidade, se significa alguma coisa, significa a totalidade de fenómenos presentes aos sentidos, e como tal não pode ser qualificada de «socialista» ou «capitalista»...» (2). E, por isso, para nosso governo, gostaríamos de saber qual a medida-padrão com que foram aferidas as obras aparecidas em **Aveiro/Arte**. Se, como parece transparecer em alguns textos, aferidas de preferência pela utilidade (relevância concedida à «importância funcional do artista»), achamos estreitíssimo. E apesar de, pessoalmente, alinharmos com quantos desejam o artista na arena e não na comodidade da bancada (no dizer de Camus), informamos que isso se deve a exclusiva opção interior e não a obediência a qualquer factor extrínseco. Achamos pertinente que se lastime — e lastimamo-lo mais do que ninguém — que se não tenha verificado ainda a necessária osmose entre o homem cônscio das necessidades prementes da sua época (necessidade, sobretudo, de evitarmos o caminho para o dilúvio total) e o artista que, muitas vezes, nele subjaz. Da mesma maneira que lastimamos pretender-se substituir essa osmose, esse caminho natural e, por isso, não coercivo, por simples decreto.

E se por movimento se interpretou a ambiciosa intenção de abalar vetustas muralhas, temos muitíssima pena, mas só desejávamos para «movimento» um significado meramente físico, só desejávamos apontar que partíamos de uma situação de inércia (inércia de pessoas que se julgam artistas). Daí o nosso espanto. É que nunca pensámos que alguém tivesse a veleidade de admitir que teríamos a pretensão de assentar praça como generais.

— Pois, desta vez, reduzi-os, estilhacei-os, pulverizei-os...

E empunhava meia dúzia de folhas dactilografadas, esse nosso amigo de velhos tempos de Coimbra. Expectantes, aguardávamos a necessária explicação. E ele, de olhos com brilho desusado, ventas sorvendo o ar em largos haustos, palavras cortando o silêncio, cabeça erguida olimpicamente, repetia: — Caramba!, escrevi um conto, escrevi um conto, escrevi um conto...

Santa ingenuidade esta de se julgar um conto (ou um artigo, ou uma crítica) promotor de cataclismos, como estultícia seriar acreditar que uma simples mostra de possibilidades — ou, porventura, de virtualidades ainda não volvidas realidade — com dinâmica suficiente para, por exemplo, reinventar a pintura, ou voltar a face do mundo. Pois quem se atreveria a vislumbrar por aqui a semente de qualquer Velasquez, de qualquer Rodin, para citarmos só artistas já decantados pelo tempo? Vivemos, de facto, em núcleo pequeno-burguês (somos todos burgueses nesta acepção), mas bem cônscios — esperamo-lo — da relatividade que tal vivência implica.

Que foi **Aveiro/Arte**? — Pois simples e despretensiosa oportunidade dos artistas aveirenses juntarem e mostrarem os seus trabalhos. Nunca pretenderam mais, nem talvez possam ir mais longe. Mas muito menos ambicionaram — ou sonharam — nos seus trabalhos a tal dinâmica capaz, por si só, de qualquer repercussão detectável no contexto sócio-político. Os artistas de **Aveiro/Arte**, colhidos em todas as camadas sociais, mostraram, de mangas vazias e arregaçadas, tanto quanto sabiam. E fizeram-no com toda a humildade. E, do mesmo modo, aceitaram e aceitam, como benefício, toda a crítica, seja ela credenciada, ou constitua ela, até, mero ensejo para alarde de exercícios dialécticos.

Bem sabemos que a maior parte das manifestações artísticas dos nossos dias, sobretudo no campo das artes plásticas, se presta a contrafacções, mas contrafacções que o tempo — mais do que os juízos de valor assentes em dogmas de natureza intelectual, por exemplo, — joeirará inexoràvelmente. De facto, concordamos (não será, pròpriamente, o caso de **Aveiro/Arte**) na penosa receptividade, por parte das massas, às experiências mais avançadas. E se, de entre todos os males que daí derivam, não será o menor o das tentações que conduzem à contrafacção, não o será, também, o preconceito tantas vezes presente no julgamento crítico.

Quanto ao valor das obras expostas, sob o ponto de vista técnico e de criatividade, juízos de valor por juízos de valor, permitam-nos que creditemos de preferência (até provas em contrário, evidentemente) aqueles que têm sido emitidos por quem, por deveres profissionais, todos os dias se refrescam na arte de bem ensinar o uso das tintas, do barro, etc., etc.

E se a I Exposição de **Aveiro/Arte** permitiu revelar, ou apenas reafirmar, as qualidades de um ou dois artistas — qualidades reconhecidas não no homem, mas no artista, queremos dizer única e exclusivamente através das suas obras — tanto bastará para considerarmos o evento muito para além das nossas expectativas.

VASCO BRANCO

1) — Leia-se, por exemplo, a colectânea de ensaios «O Homem como fim», de Alberto Moravia; ou «A Arte e a Sociedade», de Herbert Read.

2) — Herbert Read.

Aconteceu...

Continuação da primeira página

no Consulado da Africa do Sul, debruçado sobre a baía iluminada, que encanta, prende e seduz.

A lista dos convidados — se bem que a ignore — avalio-a, pois, normalmente, são sempre os mesmos, variando apenas o homenageado, o que convida e as toiletes... *Até a própria ementa (aqui ou em qualquer parte do mundo) não costuma sofrer alterações dignas de nota, na medida em que o arroz à valenciana, os ovos com salsichas e as bifanas com* champignon *fazem, normalmente, parte da lista dos «quentes», enquanto que nos «frios» raríssimas vezes se nota a ausência dos croquetes, dos rissóis, do perú recheado e da lagosta ao natural. Quanto aos vinhos, a previsão nem sempre é fácil, pois as marcas do* whisky, *do* champagne, *do* cognac *ou do licor estão em relação directa com as possibilidades económicas do ofertante. Mas porque a um* cocktail *não se assiste, mas participa-se, a ementa não nos mereceu a mais pequena parcela de curiosidade. Apressamo-nos, todavia, a acrescentar que o Consulado da África do Sul tencionava, inicialmente, convidar umas setenta pessoas para a recepção ao Professor Christian Barnard e à sua jovem mulher. Todavia, outro remédio não teve do que alongar a lista dos convidados para umas cento e cinquenta pessoas, porque os pedidos eram muitos e «fortes», segundo pude ler na Imprensa local.*

O facto mereceu-me uns momentos de justificada reflexão, na medida em que parece deselegante, pouco educado e anti-protocolar fazermo-nos convidados para a casa dos outros, mesmo que essa casa seja o Consulado de um país amigo. Obrigar-se — mercê de influências que se movem — aquele que convida a aumentar, à última hora, o número de bolos de bacalhau, pastéis de massa folhada, rissóis de camarão e empadas de galinha, revela descaramento e falta de cortesia!

Bem sei — e antes o não soubesse! — haver normas de convivência social e princípios basilares de educação que impõem e exigem apenas às classes menos responsabilizadas, enquanto essas mesmas normas e princípios parecem «bem» e chic *serem esquecidos por determinadas castas e elites...*

Seja como for, custa-me a aceitar (e não aceito mesmo) que tais atitudes, pouco ou nada dignificantes, possam ter a elegância dos vestidos de soirée *que roçam os chãos alcatifados dos salões dos* cocktails...

Diga-se o que se disser, não me parece que tais formas de proceder se harmonizem com a aparência de requintes de educação e de cultura, tantas vezes fictícios, que tornam tais ambientes de fausto e de pompa fechados e inacessíveis a tanta gente educada e culta.

Sei que Barnard — e gostosamente o digo — ficou bem impressionado com Luanda e que levou as mais gratas recordações do sossego encantador e da beleza ímpar da ilha do Mussulo.

Sei, ainda, que prometeu voltar.

Pudera!, não foi ele quem pagou o cocktail *para o qual muitos se fizeram convidados...*

ARAÚJO E SA

Casa-Museu de Egas Moniz

Continuação da primeira página

minhas», Diário das Sessões, N.º 150, de 19 de Janeiro de 1972) e que ora acorre para pedir também a abertura das portas de uma Casa-Museu destinada a perpetuar na memória dos homens uma figura nacional cuja riqueza multifacetada já tem bem definido o seu lugar na história e dispensa certos julgamentos.

Tem sido assinalada verbalmente e na Imprensa a situação criada à Fundação depois da morte do seu guarda o Senhor Joaquim Rosado. Permita-me V. Ex.ª que comece por corrigir a opinião expressa logo no início do artigo sobre o dedicado servidor do grande cientista.

O Senhor Joaquim Rosado, de origem humilde, começou a servir muito novo a casa do Professor Egas Moniz. Dotado de excepcionais qualidades de sensibilidade e compreensão, na sua simplicidade de origem, educou o gosto e requintou-se no ambiente da casa culta que servia e tornou-se, na afeição dedicada ao seu patrão, o companheiro das conversas diárias, o infatigável ajudante de múltiplas andanças, o carinhoso enfermeiro das horas de doença.

O gosto com que cuidava do arranjo das casas de Lisboa e Avanca, tanto do agrado de Egas Moniz, foi de enorme importância a quem organizou as salas da Casa-Museu e em minha opinião o seu nome deveria ficar assinalado singelamente, em frase recolhida, com a mesma modéstia e simplicidade com que este homem, modesto, simples e bom percorreu a vida, só para servir com extrema dedicação um homem ilustre que sabia elevar os simples da sua condição.

O seu passamento em nada altera as condições estatutárias que assistem à Fundação e lhe dão a continuidade pretendida, enquanto as várias notícias surgidas parece darem a entender que a Fundação e o seu precioso recheio se encontravam entregues exclusivamente ao homem simples e ao guarda, como se pudesse estar no pensamento de Egas Moniz, de sua mulher e de quem instituiu a Fundação e a legalizou, tão infantil alegação.

Não deixamos de ser em Portugal um alfobre de líricos e romancistas como dizia Camilo no «Cego de Landim»...

Quem ler os estatutos da Fundação encontra no Artigo oitavo a indicação dos membros que compõem a sua Comissão Dirigente; no Artigo nono a indicação dos membros escolhidos para a Assembleia Geral; desta fazem parte como sócios-natos membros da família dos doadores (alguns nunca deixaram de acompanhar e estão sempre atentos a todas as questões da vida da Fundação) e ainda dois Presidentes da Câmara e um Presidente da Junta de Freguesia; no Artigo décimo está prevista a possibilidade de escolha de mais dois vogais.

Por aqui se vê que felizmente não é preciso acudir à Casa-Museu Egas Moniz nem à Fundação que a alberga, depois do desaparecimento normal e esperado do guarda do Museu.

A Fundação tem o seu órgão directivo que não deixará de procurar, como lhe compete e com o interesse que os Estatutos apontam para o prosseguimento dos objectivos dos seus doadores, os empregados a fim de manter as portas abertas da Casa-Museu para bem da cultura artística e científica.

Outra coisa, porém, é o apelo que também perfilho, ao Senhor Ministro da Educação Nacional, mas faço-o nos termos adequados.

Quais são eles?

Há obras que têm valor nacional, fora de todos os partidarismos e ideologias circunstanciais que os tempos engolem na sua implacável voracidade deixando o que de mais positivo fica nas realizações humanas. Há instituições que merecem largo auxílio pecuniário para desempenho de todos os objectivos que lhes estão reservados. Há espólios cuja importância material e espiritual os torna pertença da Nação.

Já se tentou interessar a Administração da poderosa e benemérita Fundação Gulbenkian, que se interessou por outros casos semelhantes, mas para esta Casa-Museu, inexplicàvelmente, nunca contribuiu.

Apraz-me, salientar que um dos seus directores, simultâneamente Director do Museu Regional de Aveiro, o Dr. António Manuel Gonçalves, com quem tive o grande prazer de colaborar na instalação do Museu, a título pessoal generosamente e dedicadamente prestou e presta os seus serviços de culto conhecedor.

Mas a figura nacional que foi o Professor Egas Moniz merece efectivamente que o espólio, que ofereceu à região onde nasceu e acarinhou e ao país que muito amou e altamente serviu, reunido sob o tecto de uma Fundação com largos intuitos culturais, seja protegido pelas entidades oficiais para lhe dar estabilidade e segura sobrevivência. Isto, sem mais ou outros encargos, pois a Casa-Museu foi instalada e manteve-se aberta a expensas exclusivas do património e rendimentos deixados pelo Professor Egas Moniz e pode manter-se, embora com algumas dificuldades, todavia com meios testamentários. Estes foram suficientes para a criar com o cuidado e o nível que a ninguém passam despercebidos.

Ora, é neste exacto ponto de vista que se pensa poder esperar do Senhor Ministro da Educação Nacional — cuja aberta e viva inteligência, aliás, já se debruçou sobre os assuntos desta instituição abrangendo-a pela assistência técnica do Director do Museu de Aveiro — a solução que promova o afastamento das dificuldades que possam atrasar a rápida entrega deste rico património cultural e artístico ao Estado.

Essa era a intenção de quem desejou a Casa-Museu; essa é a intenção de quem a tornou possível.

Perdoe-me V. Ex.ª pedir-lhe a ocupação de algum espaço do seu Jornal para estas linhas, mas no meu entendimento, julgo que o presente esclarecimento se não for útil é pelo menos necessário.

Entretanto e, grato pela amabilidade dirijo a V. Ex.ª os meus melhores cumprimentos.

ANTÓNIO MACIEIRA COELHO

Tribunal Judicial da Comarca de Vagos

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se saber que nos autos de execução de sentença que Maria dos Santos Cedro, casada, comerciante, residente em Óuca, desta comarca, move contra Horácio Fernandes Ferreira e mulher, Rosa dos Santos Gregório, ele construtor civil e ela doméstica, residentes na Gafanha da Boavista, concelho de Ílhavo, da comarca de Aveiro, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos daqueles executados para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, naqueles autos.

Vagos, 19 de Janeiro de 1972

O Juiz de Direito,

João Henriques Martins Ramires

O Escrivão,

José da Quintã Ferreira Lajas

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que, por escritura de 31 de Janeiro de 1972, de folhas 17 v.º a 20 do Livro próprio n.º 23 - C, deste 1.º Cartório, outorgada perante o Notário Lic. Joaquim Tavares da Silveira, foi constituída uma sociedade comercial, por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º - A Sociedade adopta a firma «Figueiredos & Companhia, Limitada»; e fica com a sua sede e estabelecimento à Avenida Dr. Lourenço Peixinho, n.º 56, freguesia da Vera - Cruz, da cidade de Aveiro;

2.º - A sua duração é por tempo indeterminado, a contar de hoje;

3.º - O seu objecto é a exploração do comércio de confecções e vestuário - pronto a vestir - podendo ser ainda outro qualquer ramo de comércio ou indústria que resolva explorar;

4.º O capital social é do montante de 400 mil escudos, dividido em seis quotas e destas pertencendo: a cada um dos sócios António Barreto Martins e José Fernando Rodrigues Soares, uma de 100 contos, e, a cada um dos sócios Horácio Figueiredo dos Santos, Arnaldo Rodrigues de Figueiredo, Mário Antunes dos Santos e José Augusto Tavares de Figueiredo, uma de 50 contos;

O capital, totalmente subscrito pelos sócios respectivos, acha-se, também, inteiramente realizado já em dinheiro;

5.º As cessões de Quotas entre sócios são livres, mas, em relação a estranhos, dependerão do consentimento da sociedade, a qual, outros-sim, nelas terá o direito de preferência, tendo ainda, em segundo lugar, qualquer sócio;

6.º A gerência fica afecta a todos os sócios, com dispensa de caução e, com ou sem remuneração, conforme fôr resolvido em Assembleia Geral;

Para que a Sociedade fique vàlidamente obrigada, porém, será necessária e suficiente a assinatura da firma por dois dos gerentes, um dos quais, todavia, terá de ser sempre o Barreto Martins ou o Rodrigues Soares; não obstante, os documentos de mero expediente podem ser assinados, apenas, pelo gerente designado em Assembleia Geral;

7.º - No caso de falecimento de sócio que deixe mais do que um herdeiro e enquanto a Quota se achar indivisa, deverão os herdeiros designar um que a todos represente perante a Sociedade, comunicando a esta, no prazo de sessenta dias, salvo impossibilidade legal, o que tiver sido escolhido;

8.º - Salvos os casos para que a Lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas apenas por cartas registadas, com oito dias de antecedência.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 5 de Fevereiro de 1972

O ajudante

José Fernandes Campos

Continuações

Sumário Distrital

ARRIFANENSE — OVARENSE . . 2-0
AROUCA — ESPINHO 0-12

Zona B

GAFANHA — ANADIA 1-2
ESTARREJA — BUSTELO 2-0
RECREIO — OLIVEIRENSE . . . 4-0
ALBA — MEALHADA 1-3
AVANCA — BEIRA-MAR 1-0

Basquetebol

FEMININO — II Divisão

Resultados da 1.ª jornada:

Zona Norte — Série B

SPORT — GALITOS 43-23
MEALHADA — GINÁSIO . . . 30-25
OLIVAIS — SANGALHOS . . . 26-24

JUNIORES — Zona Norte

Resultados da 2.ª jornada:

VASCO DA GAMA — PORTO . 48-56
ACADÉMICA — GALITOS . . . 58-40

JUVENIS — Zona Norte

Resultados da 3.ª jornada:

ESGUEIRA — PORTO 41-61
MARINHENSE — ACADÉMICA . 25-40

Andebol de Sete

-Mar terá saído um tudo-nada favorecido pelos homens do apito (foi a primeira vez, no campeonato em curso, que tal sucedeu — dado que, tanto em Aveiro como fora, tem sido, normalmente, verdadeiro mártir dos árbitros...); mas essa circunstância, em certa medida, terá impedido os beiramarenses de chegarem ao triunfo, uma vez que, por falta de rotina, não souberam aproveitar esse benefício.

Beira-Mar, 12 — Porto, 15

Na partida de reservas, dirigida pelos srs. António Costa e Fernando China, os grupos alinharam e marcaram:

BEIRA-MAR — Ernesto, Manuel Ângelo (1), Lé (4), Veleirinho, Loura, Mané (1), Malheiro (6), José Manuel e Pimentel.

PORTO — Lima (Campos) Gomes (2), César (1), Aníbal (2), Salvador (5), José Melo (3), Chico (2), José Carlos e Alcino.

Mais rodados, os visitantes ganharam bom avanço no primeiro tempo, que finalizou com a marca em 8-3 a seu favor. No período complementar, mercê de reacção muito positiva, o Beira-Mar esteve prestes a conseguir «virar» o resultado — o que seria justo prémio para a aplicação dos seus elementos.

De registar que um dos tentos dos portistas — justamente o décimo primeiro — foi um golo falso, validado sem a bola ultrapassar a linha de baliza; e que, perto do fim, os aveirenses chegaram a ter sòmente dois golos de atraso (12-14).

CAMPEONATOS DE AVEIRO

JUNIORES

Galitos, 8 — Beira Mar, 16

Jogo realizado no sábado, à tarde, sob arbitragem dos srs. António Costa e Fernando China.

Alinharam e marcaram:

GALITOS — Penicheiro, Sá, Nogueira (2), Marques (1), Jaime (3), Silva, Breda, Lemos (2), Ferreira, Pericão e Silva.

BEIRA-MAR — Américo, Vaz Duarte (1), Rui Marques (2), Gamelas, António Carlos (1), Fonseca, Matos (6), Ulisses (1), Adrego, Fernando Rocha (5), Ratola e Fortuna.

Êxito certo do melhor grupo, num jogo em que sempre esteve patente a sua supremacia. Ao intervalo, o Beira-Mar vencia por 8-3.

Classificação geral:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Beira-Mar	4	3	0	1	66-29	10
Espinho	3	2	0	1	37-35	7
Galitos	3	0	0	3	24-63	3

A última jornada está marcada para esta tarde, em Aveiro, disputando-se o desafio GALITOS — ESPINHO.

JUVENIS

A prova inicia-se, amanhã, nesta cidade, com o desafio BEIRA-MAR — ESPINHO, marcado para as 10.30 horas.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 23 DO «TOTOBOLA»

20 de Fevereiro de 1972

1 — U. Tomar — Beira-Mar X
2 — Barreirense — C. U. F. 1
3 — Atlético — Porto 2
4 — Académica — Sporting X
5 — Guimarães — Belenenses 1
6 — Gil Vicente — Penafiel 1
7 — Alba — Marinhense 2
8 — Salgueiros — Sanjoanense 1
9 — Gouveia — Varzim 1
10 — U. Coimbra — Lamas 1
11 — Nazarenos — Sacavenense . . . 1
12 — Portimonense — Tramagal . . . 1
13 — Oriental — Sesimbra X

Rectificação

Por lapso tipográfico e de revisão da respectiva prova, o boletim de prognósticos que se publicou na semana finda saiu truncado e com jogos trocados — pelo que vamos agora repeti-lo, devidamente em ordem:

1 — Beira-Mar — Benfica X
2 — Porto — Barreirense 1
3 — Farense — Atlético 1
4 — Guimarães — Académica 1
5 — Lamas — Penafiel 1
6 — Covilhã — Riopele 2
7 — Marinhense — Braga 1
8 — Famalicão — Salgueiros X
9 — Varzim — Espinho 1
10 — Sacavenense — Montijo X
11 — Sintrense — Nazarenos 1
12 — Seixal — U. Leiria 2
13 — Tramagal — Olhanense 1

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

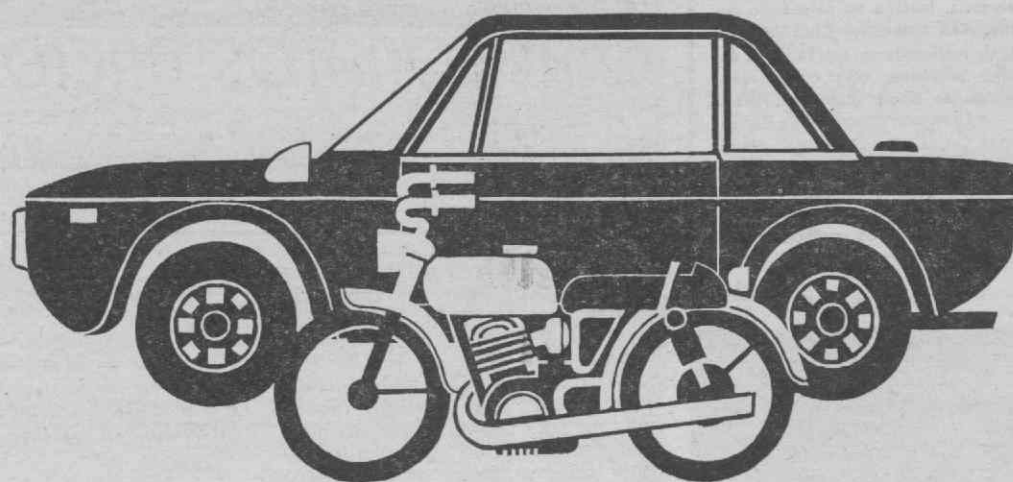
ANÚNCIO

No dia 9 do próximo mês de Março, pelas 14 horas, no Tribunal desta comarca, no processo de Acção de divisão de Coisa Comum em que são autores Ventura de Bastos Rodrigues e esposa e réus João Artur Rodrigues Gonçalves, Rosa Dias Rodrigues e irmãos, hão-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lanço oferecido, acima dos respectivos preços anunciados, os seguintes prédios:

1/2 de uma casa de habitação, com quintal e mais pertenças, sito no Raso, lugar de Taboeira, freguesia de Esgueira, desta comarca, a confrontar do norte com José Rodrigues do Vale, do sul com Francisco Dias Baptista, do nascente com Rosa Rodrigues e do poente com António Joaquim Ferreira, descrito na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 46.149 a fls. 172, do Livro B 12 e inscrito na matriz sob o art. 2.326 rústico e 1.873 urbano, com o valor matricial correspondente de 4.085$00, preço por que será posto em praça.

Aveiro, 9 de Fevereiro de 1972.

O Juiz de Direito,
Abílio José Valverde

O Escrivão de Direito,
José Cândido Gomes

ARQUIVO

Resultados da 18.ª jornada:

TIRSENSE — BEIRA-MAR . . 1-1
BENFICA — V. SETÚBAL . . 0-0
U. TOMAR — C. U. F. . . . 1-1
BOAVISTA — PORTO . . . 1-2
BARREIRENSE — FARENSE . 3-1
ATLÉTICO — SPORTING . . 0-0
LEIXÕES — V. GUIMARÃES . 1-1
ACADÉMICA — BELENENSES 2-0

Mapa de pontos:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Benfica	18	15	3	0	48-8	33
V. Setúbal	18	10	7	1	38-12	27
Sporting	18	11	7	3	31-14	26
C. U. F.	18	7	7	4	27-21	21
Porto	18	7	5	6	28-21	19
Belenenses	18	7	4	7	20-19	18
BEIRA-MAR	18	5	8	5	17-21	18
V. Guimar.	18	6	5	7	19-31	17
Barreirense	18	6	4	8	22-31	16
Farense	18	5	5	8	16-22	15
U. Tomar	18	5	5	8	15-21	15
Académica	18	5	3	10	16-21	13
Atlético	18	4	5	9	21-31	13
Tirsense	18	4	5	9	15-38	13
Leixões	18	4	4	10	17-33	12
Boavista	18	3	6	9	16-32	12

Próxima jornada:

BELENENSES — TIRSENSE (0-1)
BEIRA-MAR — BENFICA (1-2)
PORTO — BARREIRENSE (1-1)
FARENSE — ATLÉTICO (2-3)
SPORTING — LEIXÕES (3-1)
V. GUIMARÃES — ACADÉMICA (1-4)
V. SETÚBAL — U. TOMAR (3-0)
C. U. F. — BOAVISTA (0-2)

FUTEBOL

Campeonato Nacional da I Divisão

TIRSENSE, 1 BEIRA-MAR, 1

Jogo em Santo Tirso, no Campo Abel Bizarro de Figueiredo, sob arbitragem do sr. Henrique Silva, da Comissão Distrital de Lisboa.

Os grupos alinharam deste modo:

TIRSENSE — Barrigana; Albano (Sebastião), Luís Pinto, Araponga (Amândio) e Viana; Francisco Baptista, Amaral e Ernesto; António Luís, Chico Gordo e Carlos Manuel.

BEIRA-MAR — César (Domingos); Jerónimo, Marques, Soares e Severino; Baxa e Carmo Pais; Nèlinho, Adé, Eduardo e Almeida.

Os tirsenses chegaram ao intervalo a vencer por 1-0, em golo apontado de grande penalidade, por FRANSCISCO BAPTISTA. O castigo máximo fora assinalado, aos 40 m., punindo falta cometida pelo guarda-redes César sobre Chico Gordo.

No segundo tempo, aos 56 m., ficou restabelecido o empate: no seguimento de livre apontado por Adé, a bola foi para ALMEIDA que, com espectacular «viranço», longe da baliza, surpreendeu o guardião tirsense.

•

Em segunda saída consecutiva, o Beira-Mar conseguiu somar segundo empate, mantendo-se imbatido na segunda volta e arrecadando novo e precioso ponto para o seu activo.

O desfecho final do prélio é justo e aceitável, sem esforço, vendo o que cada grupo produziu: atacando mais vezes, os tirsenses fizeram-no sem lucidez e sem perigo efectivo — dado o acerto e a segurança, já proverbiais, da defensiva aveirense; a seu turno, os auri-negros denotaram melhor compenetração global, mais serenidade e puseram em prática o seu futebol apoiado e prático, com que fizeram jus à repartição dos pontos em jogo.

A arbitragem situou-se em plano aceitável, positivo.

DES POR TOS

Secção dirigida por António Leopoldo

SUMÁRIO DISTRITAL

• I DIVISÃO

Para acerto do calendário e fecho da primeira volta, efectuou-se apenas um jogo, que concluiu deste modo:

ESMORIZ — RECREIO 3-2

A segunda volta inicia-se amanhã.

• RESERVAS

Resultados gerais:

Zona A — 13.ª jornada:

CESARENSE — BEIRA-MAR . . . 1-1
ALBA — OLIVEIRENSE 1-1
ANADIA — ARRIFANENSE . . . 0-1
GAFANHA — RECREIO . . . adiado

Zona B — 5.ª jornada:

PNHEIRENSE — BEIRA-VOUGA . 2-0
SEVERENSE — LUSO 1-2

• JUNIORES

Fase Final — 5.ª jornada:

Série dos Primeiros

SANJOANENSE — P. BRANDÃO 1-1
GAFANHA — ANADIA 4-0

Série dos Segundos

PAMPILHOSA — S. ROQUE . . 0-2
ESPINHO — BEIRA-MAR . . . 5-4

Série dos Terceiros

AVANCA — VALONGUENSE . . 1-2
LUSO — FEIRENSE 2-0

• JUVENIS

Resultados da 17.ª jornada :

Zona A

S. ROQUE — LAMAS 0-10
CUCUJÃES — SANJOANENSE . 2-2

Continua na penúltima página

CAMPEÕES

No passado domingo, 6 do corrente, nos Campeonatos Nacionais de Corta-Mato Escolar, a representação aveirense esteve em plano de muita evidência — o que atesta o esforço que, no Distrito, se vem a desenvolver em favor do Desporto Escolar. Por equipas, Aveiro conseguiu o 3.º lugar, em «iniciados» (alinhando com Dulcínio Tavares da Silva, da E. I. C. de Oliveira de Azeméis; Eduardo José dos Santos Rodrigues e Fernando José Soares Martins — ambos da E. I. C. de Aveiro); e ganhou o título, em «juvenis», que, justamente orgulhosos, vemos na gravura abaixo. São eles, os novos campeões: Albano de Oliveira Braga — da E. I. C. de Vale de Cambra; António Manuel Melo — da E. I. C. de Águeda; António Aníbal Silva e António Tavares da Costa — ambos da E. I. C. de Oliveira de Azeméis

TANQUES DE APRENDIZAGEM DE NATAÇÃO EM AVEIRO

Depois da distribuição dum projecto tipo de tanques de aprendizagem de natação, concebido pelos técnicos da Direcção-Geral dos Desportos, o Delegado em Aveiro daquele departamento, sr. Eng.º Alberto Branco Lopes, e o Inspector-orientador Distrital, Prof. Valdemar Lucas Caetano, tiveram há dias uma reunião de trabalho com o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, Dr. Artur Alves Moreira — com vista ao estudo da implantação, nesta cidade, de vários desses tanques de aprendizagem.

Em princípio, o primeiro tanque será construido nos terrenos da Escola da Glória, aguardando-se apenas o estudo técnico e o levantamento do caderno de encargos, pela Câmara Municipal.

Espera-se, deste modo, que para além dum Centro de Animação de Ginástica Pré-Desportiva — já em funcionamento — um outro de Natação seja consoladora realidade, dentro em breve, para as crianças das Escolas Primárias de Aveiro.

Em 10 e 11 de Junho RALLYE PRINCESA SANTA JOANA

Integrado nas Festas da Cidade, e no intuito de lhes dar o maior brilhantismo e projecção, a Câmara Municipal de Aveiro deliberou organizar, no sector desportivo (em que se projectam ainda outras realizações), o Rallye Princesa Santa Joana.

Será competição de primeira categoria, inscrita no calendário de provas do Automóvel Club de Portugal, realizando-se em 10 e 11 de Junho próximos, com colaboração técnica do Sport Clube do Porto.

A Comissão Executiva do Rallye Santa Joana Princesa tem vindo a reunir regularmente, para tratar da sua organização, envidando os melhores esforços no sentido de trazer a Aveiro os melhores «volantes» nacionais.

Andebol de 7

Campeonatos Nacionais

• I DIVISÃO

Resultados da 14.ª jornada:

ACADÉMICO — TÉCNICO . . 17-14
BENFICA — C. OURIQUE . . . 23-16
PADROENSE — BELENENSES . 27-23
C. D. U. P. — ALMADA . . . 19-29
SPORTING — V. SETÚBAL . . 25-17
BEIRA-MAR — PORTO 16-17

Tabela classificativa:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sporting	14	12	1	1	299-186	39
Almada	14	10	1	3	333-250	35
Benfica	13	9	2	2	334-232	33
Porto	13	10	0	3	277-220	33
Belenenses	14	9	0	5	311-254	32
Académico	14	6	2	6	260-279	28
V. Setúbal	14	6	1	7	264-311	27
Beira-Mar	14	4	1	9	245-288	23
Técnico	14	4	1	9	234-303	23
C. Ourique	14	4	0	10	251-266	22
Padroense	14	2	1	11	251-343	19
C. D. U. P.	14	2	0	12	243-370	18

Jogos para hoje:

BENFICA — ACADÉMICC
ALMADA — PADROENSE
BELENENSES — TÉCNICO
C. OURIQUE — SPORTING
V. SETÚBAL — BEIRA-MAR
PORTO — C. D. U. P.

• RESERVAS

Resultados da 14.ª jornada:

BENFICA — C. OURIQUE . . 21-9
BEIRA-MAR — PORTO 12-15
SPORTING — V. SETÚBAL . . 17-21

Tabelas classificativas:

ZONA NORTE — Porto (119-50), 15 pontos. BEIRA-MAR (67-73), 10. C. D. U. P. (51-48), 9. Académico (59-48), 7. Padroense (66-108), 5.

ZONA SUL — Vitória de Setúbal (165-146), 22 pontos. Benfica (138-110), 20. Sporting (116-115), 16. Almada (116-104), 15. Campo de Ourique (125-149), 13. Belenenses (120-109), 12. Técnico (88-131), 6.

Jogos para hoje:

BELENENSES — TÉCNICO
C. OURIQUE — SPORTING
PORTO — C. D. U. P.

II DIVISÃO — Zona Norte

Série B — 1.ª jornada:

E. I. C. VISEU — PROGRESSO 8-25
A. VISEU — DESP. PORTUGAL 19-21
ESPINHO — CUCUJÃES . . . 29-6

Beira-Mar, 16 — Porto, 17

Sob arbitragem dos srs. Albano Pinto e Vitorino Gonçalves, os grupos alinharam e marcaram:

BEIRA-MAR — Sérgio, Helder, Lacerda (4), Mário Garcia (7), Vieira (5), Borges, Oliveira, Matos, Gamelas, Madail, Machado e Januário.

PORTO — Capela, Madureira (3), Borges (5), Oliveira (2), Tavares da Rocha (3), Cunha (3), Leandro (1), Pacheco, Resende, Orlando, Rocha e Rui Melo.

Partida de extraordinária (e até excessiva...) vibração, dentro e fora das quatro linhas, com ambos os grupos empenhados na conquista da vitória, que acabou por pender para a turma mais feliz na ponta final. Os portistas, de facto, tiveram a sorte de contarem com um guarda-redes em noite excepcionalmente brilhante e feliz (Capela, inclusive, logrou defender dois castigos máximos !); e foram ainda deveras afortunados com a marcação dos seus quatro últimos tentos, todos de autoria do seu poderoso e atlético meia-distância Borges — elemento que, anteriormente, tivera actuação discreta.

Ao intervalo, os portistas comandavam por 9-7.

Em jogo nada fácil de dirigir, tanto pelo equilíbrio que sempre se registou na marcação, como pelas dificuldades criadas pelos jogadores (em especial os portistas, muito duros na defesa e demasiado complicativos, em permanentes e despropositadas reclamações e infundados protestos), os árbitros — que sempre procuraram agir com imparcialidade — acabaram, naturalmente, por produzir trabalho que muito desagradou aos forasteiros, para quem acabaram por ser juízes implacáveis e severíssimos. Como se infere, o Beira-

Continua na penúltima página

Basquetebol

CAMPEONATOS NACIONAIS

A Federação Portuguesa de Basquetebol, cumprindo a tradição, não marcou jogos dos vários campeonatos nacionais em curso para o presente fim-de-semana, coincidindo com a qudra do Carnaval. Haverá sòmente uma excepção — dado que amanhã, de manhã, se efectuam os desafios da quarta jornada da prova dos juvenis.

Assim, esta rubrica do *Litoral* não terá hoje, o habitual desenvolvimento — publicando-se apenas uma resenha dos resultados apurados nos jogos do derradeiro fim-de-semana, em cada um dos torneios.

I DIVISÃO

Resultados da 9.ª jornada:

ACADÉMICA — CARNIDE . . 86-41
C. U. F. — BENFICA 78-98
ACADÉMICO — GALITOS . . 76-66
B. P. M. — GINÁSIO 76-58
ALGÉS — PORTO 57-90
SPORTING — V. DA GAMA . V.-D.

Resultados da 10.ª jornada:

ACADÉMICA — BENFICA . . . 78-65
C. U. F. — CARNIDE 82-66
ALGÉS — V. DA GAMA . . . 76-66
SPORTING — PORTO 73-70
ACADÉMICO — GINÁSIO . . . 113-72
B. P. M. — GALITOS 91-49

II DIVISÃO — Zona Norte

Resultados da 4.ª jornada:

Série A

ILLIABUM — NUN'ÁLVARES . 65-56
COVILHÃ — NAVAL . . . . adiado
SANJOANENSE — GUIFÕES . . 47-68
LEIXÕES — C. D. U. P. . . . 41-59

Série B

SPORT — ESGUEIRA 41-28
FIGUEIRENSE — SANGALHOS . 46-43
MARINHENSE — LEÇA . . . 65-45
GAIA — EDUC. FISICA . . . 45-26

FEMININO — I DIVISÃO

Resultados da 4.ª jornada:

GAIA — ESGUEIRA 30-20
ACADÉMICO — ACADÉMICA . 71-42
C. D. U. P. — PORTO : . . . 30-35

Continua na penúltima página